

# O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES  
E BELLAS LETRAS.

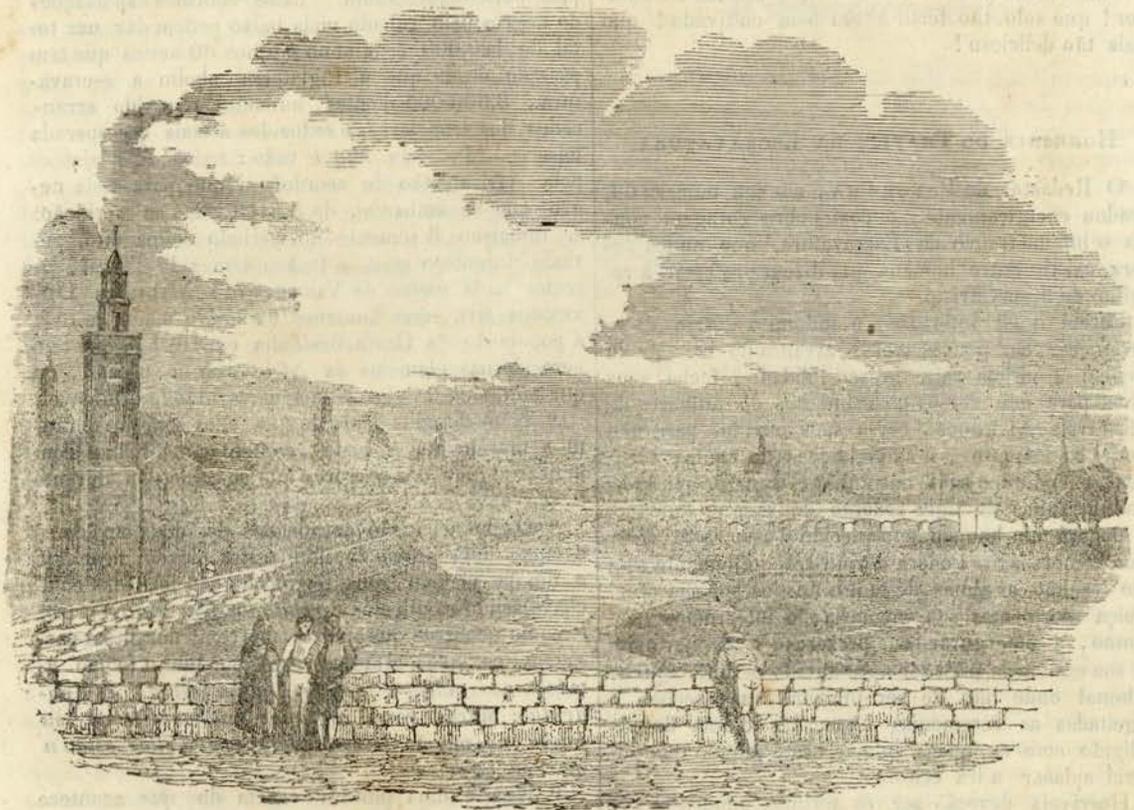
Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 10

15 DE DEZEMBRO.

1838



VISTA DE VALENCIA PELA PARTE DO GRAO.

## VALENCIA.

ESTA CIDADE, situada nas deliciosas margens do Turia ou Guadalaviar, n'uma campina fertilissima, é a capital do antigo reino (hoje provincia) de Valencia. As ruas, em geral, são estreitas e tortuosas. Julgão algumas pessoas que este defeito vem dos Mouros para dar ás casas mais frescura nos climas ardentes; porem apenas ha uma cidade antiga na Europa, que não tenha o mesmo defeito. As ruas largas, rectas, e alinhadas são de construcção moderna. As de Valencia tem a particularidade de não estarem calçadas, e como o paiz é seco, os habitantes se vêem na necessidade de regar a parte fronteira das suas casas para evitar que se levante uma nuvem de poeira.

Reina n'esta cidade um grande movimento, e um certo aspectó de alegria devido talvez á benéfica influencia do seu clima. Concorre tambem para isso o caracter naturalmente alegre dos seus habitantes. Pode ser que não haja outra cidade em toda a Hespanha onde as funcções de igreja sejam tão numerosas e tão ricas, onde mais prosperem as Bellas-Artes, e a Industria, onde se note mais asseio e limpeza na parte interior e exterior de suas casas.

Dos edificios publicos de Valencia os que mais

VOL. I.

merecem a attenção do viajante são: a Cathedral, com a sua torre chamada *Miquelet*, cuja planta é octogona, e a sua altura de 162 pés igual ao perimetro da base; foi construida para ter uma altura de 350 pés. O altar mór da Cathedral foi em outro tempo de prata; mas não existem senão as portas, que pelo grande merecimento das pinturas que tinham são chamadas *portas d'ouro para um altar de prata*.

A casa do *Temple*, construida no reinado de Carlos III, é tambem um bello edificio. A *Alfandega* de construcção moderna. A igreja dos PP. das Escolas Pias com uma vasta e soberba rotunda de 3 corpos de architectura. A *Lonja*, edificio gótico construido em 1482, serve para a Junta de Commercio: as suas elevadissimas columnas de pequeno diametro figurão amarras enlaçadas. N'este edificio é onde se fazem as grandes transacções da seda, que tanto abunda nas provincias de Valencia e Murcia.

Dista a cidade meia legua do porto chamado *Gráo*; esta distancia parece muito pequena porque se vae sempre por uma alameda dividida em tres ruas, sendo a do meio para as carruagens. O *Gráo* é para os Valencianos o que S. João da Foz é para os habitantes do Porto, sendo sitio muitissimo frequentado na estação dos banhos.

Valencia conta hoje de 60 a 70,000 habitantes, e n'um raio de meia legua 39 lugares. Por meio de 5 bellas pontes de pedra se communica com outros

tantos suburbios. Está dividida em 4 quartéis, cada quartel em 8 bairros; e para a sua illuminação tem 2560 lampiões.

O magnifico e sumptuoso palacio chamado *El Real*, onde costumavão morar os Capitães Generaes, estava extramuros da cidade, e foi demolido no tempo da guerra da independencia. Apesar d'isso ainda se faz menção d'elle em algumas descripções da cidade de Valencia como se realmente existisse.

São tão lindas as visinhanças de Valencia, que esta cidade pode comparar-se a uma casa de fresco no meio d'um jardim extenso. Que ceu tão encantador! que solo tão fertil e tão bem cultivado! que paiz tão delicioso!

#### HORRORES DO TRAFICO DA ESCRAVATURA.

O Redactor do PANORAMA, em seu numero 63, bradou energicamente, e com nobre coragem contra o infame trafico da Escravatura, que nunca de-vera existir entre homens que dizem professar a religião de Jesu-Christo.

Porem o vil interesse, o indomito desejo de se enriquecer em poucos mezes arranca do coração do homem a última raiz de sensibilidade, fecha seus olhos para não ver os padecimentos de milhares de miseraveis Africanos, cerra seus ouvidos para não ouvir os lamentos, e as maldições de tantas victimas, e endurece suas entranhas, transformando-as em entranhas de tigre sedento de sangue humano. E poderá um homem enriquecido d'esta sorte viver sem remorsos? Poderá dormir tranquillamente sem que venhão as almas de tantos finados por sua cruel cobiça atormentar sua memoria, a interromper seu somno, a amargurar seus prazeres, a desejar o fim da sua existencia para ser apresentado perante aquelle tribunal onde hão de ser julgadas suas acções, e regeitadas as ceremonias hypocritas d'uma fingida religião com as quaes julgou neste mundo que poderia aplacar a ira celeste?

Horriveis deverão ser os ultimos momentos da vida d'um homem que fez o trafico de escravos; os remorsos, como as furias da mythologia, se apoderão d'elle, e se julgar pela dureza do seu coração, e pelos males que ella causou, da misericordia divina, ha de pensar que não pode haver perdão para elle, e que por um punhado d'ouro vendeu sua alma aos tormentos do inferno.

Si: nacer para el mal, romperse el velo  
De la ilusion que arrebatára al crimen,  
Presentes ver las victimas que gimen  
Ser odio, execracion del universo.  
Mirar que niega la implacable suerte  
Todo retorno al bien; ay! al perverso  
Este infierno tal vez em vida alcanza;  
Si aun le persigue al reino de la muerte  
Que terrible, oh Virtud! es tu venganza! (\*)

Estas reflexões nos forão suggeridas depois de havermos lido no *Evangelical Magazine, ou Chronica* das *Missoens* do mez de Abril d'este anno o que os nossos leitores poderão ver na seguinte relação.

“ Os Commissionados de sua Magestade Britanica em Serra-Leõa tem calculado que o numero d'escravos exportados da costa Occidental da Africa chega a 80,000 annualmente, sendo a maior parte d'elles de Whydah, Bonny, Velho e Novo Calabar,

e outros rios que entrão no Golfo de Guiné. Dizem que só no B nin tem estado ancorados a um mesmo tempo dentro e fora de diferentes rios de 40 a 50 navios, capazes de levar 20,000 negros. Os principais mercados d'escravos na costa Oriental são Quilimane e Moçambique. No outono ultimo o vaso de guerra Leveret encontrou no primeiro dos dous lugares navios da escravatura capazes de levar 3,000 escravos; e em Moçambique dissêrão que estavam muitos promptos para embarcar, e 16 navios de 300 a 900 toneladas ancorados no porto e promptos para os receberem. Estas enormes exportações de negros pelo calculo mais baixo podem dar um total de 120,000 cada anno, e nos 30 annos que tem passado desde que a Inglaterra aboliu a escravatura, 3,600,000 d'entes humanos tem sido arrancados dos seus lares e reduzidos á mais desesperada miseria. Mas isto não é tudo: todos os viajantes pela Africa estão de accordo em que para cada negro que se embarca, de 5 a 10 vidas se sacrificão: se tomarmos 6 somente no periodo acima dito, periodo durante o qual o trafico tem sido illegal, teremos nada menos de VINTECINCO MILHÕES DUZENTOS MIL seres humanos (numero maior de toda a população da Gram-Bretanha em 1821), que tem perecido nas planicies da Africa, ou no oceano, ou que tem sido levados a uma escravidão interminavel,

“ Não diremos nada do que elles soffrem durante a marcha até a costa; coententar-nos-hemos com indicar alguns dos horrores que se comettem durante a sua navegação.

“ Os homens são encadeados de dous em dous, e como uma prova de que assim devem ficar até o fim da viagem, seus ferros não são fchados com chave senão cavilhados e *rebitados por um ferreiro*; e como acontece que muitos morrem durante a passagem, os vivos estão as vezes por muito tempo atados aos mortos, e *estes n'um estado de podridão*; outras vezes *algumas mulheres tem o seu parto ao mesmo tempo que ao pé d'ellas estão a morrer os homens*.

“ Esta é uma pintura exacta do que acontece *agora mesmo* dentro de muitos navios que cruzão o Atlantico com as bandeiras Hespanhola, Portuguesa, e Brazileira, e debaixo da protecção das *bandeiras de America*. Mas supporhamos que um navio não protegido pela bandeira Americana, é apañhado por um cruzeiro Inglez, authorized para capturar os que traficão em escravos: qual é a sorte que em muitos casos espera ao infeliz negro Africano? Eis aqui a resposta.

“ Havendo um cruzeiro Inglez dado caça á *Jeune Estelle*, o capitão quando se viu perseguido, metteu doze negros em pipas e os lançou ao mar. Em 1831 o *Black Joke* e *Fair Rosamond* achando o *Hercules* e o *Regulo* dous navios d'escravatura, na embocadura do rio Bonny: quando virão os cruzeiros, tratarão d'entrar no porto, e lançarão ao mar *mais de quinhentos* seres humanos encadeados juntos, antes de serem capturados; pelo grande numero de tubarões no rio, tudo estava tincto de sangue. O que trafica em escravos não somente faz isto, porem alardea de o fazer. As primeiras palavras pronunciadas pelo capitão do navio *Maria Isabel* capturado pelo Tenente Rose forão: “ Que se tivesse visto o vaso de guerra que lhe dava caça uma hora antes, *teria lançado ao mar todos os escravos* porque a carga tinha sido assegurada.

E estes homens não hão de ser considerados como piratas!!

(\*) QUINTANA, *Pantheon del Escorial*.

## PERIGOS DA NAVEGAÇÃO POLAR.

Em o mez de Agosto de 1775, navegando eu a setenta e sete graos de latitude norte, vi quasi a uma milha de distancia do meu navio, o mar inteiramente fechado pelo gelo. Não vião nossos olhos senão montanhas de neve; e, tendo cessado o vento, ficamos dous dias no continuo risco de sermos submergidos por estas massas enormes, que a mais ligeira viração podia impellir contra a nossa embarcação.

Tinha-se passado quasi ja o segundo dia todo em sustos quando pela meia noute se levantou um vento forte, e logo se ouviu o horrivel estalido dos gelos que se encontravão e despedaçavão reciprocamente fazendo um estrondo semelhante ao d'um trovão imminente. Comtudo, se a noute foi terrivel, a belleza da madrugada nos compensou os sobresaltos. A barreira de gelo, que nos estorvava, estava inteiramente rota, e um largo canal se estendia diante de nós a perder de vista no meio de duas muralhas de neve. Brillava o Sol no horisonte, e uma pequena briza impellia o navio.

Olhando para um dos lados do canal, descobrimos repentinamente os mastros d'um navio. A maneira extravagante porque suas velas estavam postas, e o desmantelado de suas vergas e manobra, surpreendeu-nos excessivamente. Navegou por algum tempo, e encalhando sobre um montão de neve, ficou sem movimento.

Minha curiosidade não teve então limites. Des-ci ao bote com alguns marinheiros, e dirigimonos ao navio maravilhoso. Quando nos aproximamos, vimos que estava muito damnificado pelo gelo, e ninguém apparecia no convez coberto de neve. Chamamos, e ninguém respondeu. Antes de subir, espreitamos por uma portinhola aberta, e vimos um homem sentado defronte d'uma mesa, em que havia todos os utensilios de escrever.

Chegando ao convez, abrimos a escotilha, e descemos á primeira camera, onde estava o escrivão do navio sentado como o tinhamos visto pela portinhola; mas que terrivel admiração nos surpreendeu quando nelle conhecemos um cadaver, com a testa, e os olhos abertos cobertos de musgo humido e verde! Tinha uma penna na mão, e o Diário Nautico diante de si; e erão suas ultimas expressões: "11 de Novembro de 1762. Ha dezeseite dias que estamos cercados de neve. O lume apagou-se hontem e de balde tem procurado o Capitão faze-lo reviver. Sua mulher morreu esta manhã. Ja não ha esperança."

Os meus marinheiros se afastarão espavoridos com a vista d'um cadaver, em que parecia haver ainda vida. Entramos depois na camera do capitão, e o primeiro objecto que se nos apresentou foi uma mulher deitada em um leito em posição de uma grande e perplexa reflexão. Dir-se-ha, vendo a frescura de suas feições, que ella ainda vivia. Só se lhe conhecia a morte pela contracção de seus membros. Diante d'ella, sentado no chão, jazia um mancebo com um fuzil em uma mão, e uma pederneira na outra. Alguns pedaços d'isca se vião caidos em volta d'elle.

Passamos depois á camera de prôa, onde estavam muitos marinheiros deitados, e um cão estendido no fundo da escada. Procuramos mantimentos, e lenha; mas nada encontramos. Começarão então os marinheiros a dizer que era um navio encantado e instarão fortemente comigo para que nos ausentásemos. Abandonei pois o navio, levando comigo o meu Diário. Chegamos ao nosso horrificado com este funesto exemplo do perigo das navegações po-

lares em um tam grande grao de latitude septentrional.

Quando chegamos a Hull, dei parte do encontro no Almirantado; e segundo os documentos que trouxe de bordo, o nome do navio e do capitão, veiu-se no conhecimento de que se tinha perdido havia treze annos, e d'ahi se concluiu, que havia outro tanto tempo, estava elle cercado pelo gelo.

## O MISSIONARIO

QUE o homem devorado da sede de adquirir riquezas abandone seu paiz e se exponha a mil perigos, estimulado pela lisonjeira esperanza de poder passar na opulencia a ultima parte da sua vida, nada tem de estranho. Que o militar passe mil privações, e das delicias d'uma guarnição, da salla d'um baile se traslade ao campo da batalha, corra a um assalto, veja em redor de si convertidos em cadaveres os que poucos momentos antes forão seus amigos e companheiros, e que tendo a fortuna de escapar são e salvo ache em recompensa dos seus serviços a mais negra ingratição; e apesar d'isso nunca falte quem queira seguir uma carreira tão cheia d'illusões, tambem não nos admira; porque o mancebo que preferiu a farda ao traje de simples cidadão, esperava chegar um dia ao ultimo degrau na escala da milicia; via talvez em perspectiva adornado seu peito com as insignias do valor e do merito, soavão na sua imaginação enardecida os titulos de barão, de conde, ou de marquez; aspirava tambem ao renome de grande general, ou contava com um assento no conselho, ou no ministerio, e até se figurava que poderia chegar o dia em que favorecido da fortuna podesse ser o arbitro dos destinos da sua patria. Que um navegante audaz sulcando por entre Scylla e Carybdis mares tempestuosos, arrisque sua vida para descobrir no Polo Arctico uma passagem para o outro hemisferio, e experimente alli os rigores d'um prolongado inverno, e d'uma noute de quatro mezes, sem outra luz natural do que a das Auroras boreaes, sem mais companhia do que a d'alguns miseraveis Esquimaes e ursos brancos, sem outras vistas do que um ceu nebuloso, e um solo cuberto de neve, tambem se concebe facilmente: porque o fantasma da gloria o persegue, e o incentivo das recompensas é um aguilhão poderoso.

Porem nada d'isto chega ao heroismo inspirado pela Religião; aos sacrificios feitos por amor de Jesu-Christo. Um pobre religioso, um ministro do Altissimo animado pela mais nobre de todas as virtudes, a caridade, confiado só na protecção divina, abandona sua patria, seus parentes, seus amigos, atravessa os mares, e vae ás regiões mais affastadas a prégar o Evangelho, e propagar as maximas do nosso Salvador entre as tribus mais ferozes e embrutecidas que se conhecem no mundo. Nem os ardores da zona torrida, nem os frios dos paizes vizinhos ao polo, nem a esterilidade de muitas ilhas, nem os perigos, que sabe muito bem ha de correr pela ignorancia e embrutecimento dos homens com que vae tratar, pelos ciúmes dos sacerdotes fanaticos e crueis que dominão os povos de muitas terras, nem as perseguições de governos intolerantes, são capazes de diminuir o sagrado fogo da caridade que arde no coração do Missionario.

Se o Christanismo, e com elle a civilização, se tem introduzido nas innumeraveis ilhas da Oceania, aos

Missionarios é que se deve. Muitos povos em outro tempo, antropophagos, e barbaros, hoje tem relações commerciaes com as nações da Europa e da America. Mas antes que isto se conseguisse quantos não succumbirão! Uns por effeito da insalubridade do clima; outros pelas fadigas, e maus alimentos; muitos, victimas da ferocidade d'aquelles que de selvagens querião transformar em homens civilizados.

Se a Religião deve muito aos Missionarios, a Geografia reconhece os eminentes serviços que elles tem prestado para o progresso d'aquella sciencia.

Moveu-nos a escrever este artigo o que no Boletim da Sociedade Geografica de Paris de Abril de 1837 se refere d'um d'estes Missionarios.

"N'uma das extremidades orientaes da Asia, um Missionario da Igreja Catholica Romana, possuido d'um santo ardor, penetra n'uma região pouco conhecida. A Corea tem até agora estado fora do alcance das investigações dos viajantes, exceptuando alguns Holandezes, que havendo naufragado nas suas costas no anno 1653, estiverão alli captivos treze annos, e havendo tido a felicidade de poderem fugir, publicarão uma relação: a unica parte que os Europeus tem podido ver e descrever d'esta península é a sua costa.

"Todavia, apezar das precauções tomadas para evitar a entrada dos estrangeiros, os Missionarios tem conseguido prégar ali o evangelho. Um Francez foi o primeiro que o levou áquella região tão affastada. O numero de Christãos que ha n'ella calcula-se em 30,000, todos elles pobres. Em 1832, M. Bartholomeu Bruguiere, um dos homens mais piedosos e ferventes que a França tem enviado ás regiões orientaes, achava-se em Macáo; acabava de exercer seu ministerio na península alem do Ganges, e tinha o titulo de bispo de Capse. Designado para a missão da Corea, resolveu ir ao seu destino por terra, e partiu no mez de Setembro. Atravessou toda a China: esta viagem, penosa e perigosa para um sacerdote europeu, durou tres annos, porque M. Bruguiere viu-se obrigado para a sua segurança a seguir um caminho mui tortuoso.

"Depois de fadigas inauditas, chegou em 1833 a Chan-Si, uma das provincias septentrionaes da China, nos confins da Mongolia. Alli teve que demorar-se muito tempo na casa do vigario apostolico á espera que voltasse um Chinez christão, chamado José, que tinha sido mandado a Corea para trazer algumas noticias, e pode-lo guiar na sua marcha. José voltou em novembro, e disse ao bispo que os christãos de Lião-Tung, provincia do paiz dos Mandchux que é preciso atravessar para entrar na Corea, lhe offerecião um asylo entre elles durante a sua viagem. José foi novamente encarregado d'explorar o caminho que devia seguir o bispo. Quando chegou a primavera seguinte, M. Bruguiere o tornou a ver, e mais tarde recebeu algumas cartas dos Christãos de Corea, nas quaes lhe davão a entender quão difficuloso seria o poder elle chegar áquella paiz: com tudo, dizião elles, esperamos que Deos vos ha de abrir as portas do nosso paiz.

"José fez ainda duas viagens mais com o mesmo objecto; finalmente no dia 22 de Setembro de 1834, M. Bruguiere partiu de Chan si. "Tanto, diz elle, como as minhas viagens anteriores forão penosas, outro tanto esta foi facil e agradável. No meu caminho encontrei alguns christãos que fizeram um esforço de caridade; derão-me mais do que eu gastei na viagem."

"A 7 d'Outubro, M. Bruguiere passou a grande muralha, "tão gabada, diz elle, por aquelles que a não conhecem, e descripta com tanta emphasis pelos que nunca a viram." A porta pela qual entrou em Mongolia chama-se Chan-Cha-Khun; a mesma que travessão os Russos, quando de dez em dez annos, vão a Peking e voltão, segundo o seu tratado de 1728 com os Chinos.

No dia seguinte, M. Bruguiere foi parar ao lugar de Si-Vang na Mongolia, quasi inteiramente povoado por christãos. Alli foi onde José lhe entregou novas cartas dos Coreenses, cheias de affeição e respeito, lamentando-se de que a sua pobreza não lhes permitisse trata-lo tão magnificamente como o exigia a sua dignidade.

Durante o verão levantou-se uma violenta perseguição contra os christãos; o bispo e outros ecclesiasticos se virão na necessidade de se esconderem n'uma caverna, da qual não sairão senão no dia 23 de Junho. No mez d'Outubro seguinte vencerão-se os obstaculos que o prelado encontrou na sua marcha; no dia 5, escrevia que acabava de adquirir um excellente guia, que consentia em o acompanhar até a entrada de Corea; os chefes dos correios que elle havia mandado a Lião-Tung chegaram; partiu no dia 7, e a 19 dormiu n'uma casa de christãos situada na estrada; ao dia seguinte de tarde adoeceu repentinamente; um sacerdote chino que o acompanhava deu-lhe a extrema-unção, e uma hora depois morreu.

"A perda de M. Bruguiere é muito sensivel, pois ás qualidades d'um bom missionario, unia as que deve ter um viajante que quer visitar com fructo regiões pouco conhecidas. A carta que elle dirigiu de Si-Vang aos directores do seminario das missões estrangeiras em Paris, faz ver o que a Geografia devia esperar dos esforços d'este digno prelado: ella contém particularidades preciosas sobre a China e a Mongolia, e que hão de ser muito prezadas por todos os amigos da sciencia.

"A seguinte observação de M. Bruguiere merece ser copiada: "Os olhos azues, diz elle, o nariz grande, os cabellos louros, os rostos ovados, as faces mui carregadas de côr, são signaes suspeitosos na China. Um missionario que tivesse a cabeça grossa e redonda, a cara chata, as sobrançellas pouco povoadas e salientes, os cabellos corredios poderia viajar seguramente, e muito mais se fallasse a lingua mandarina."

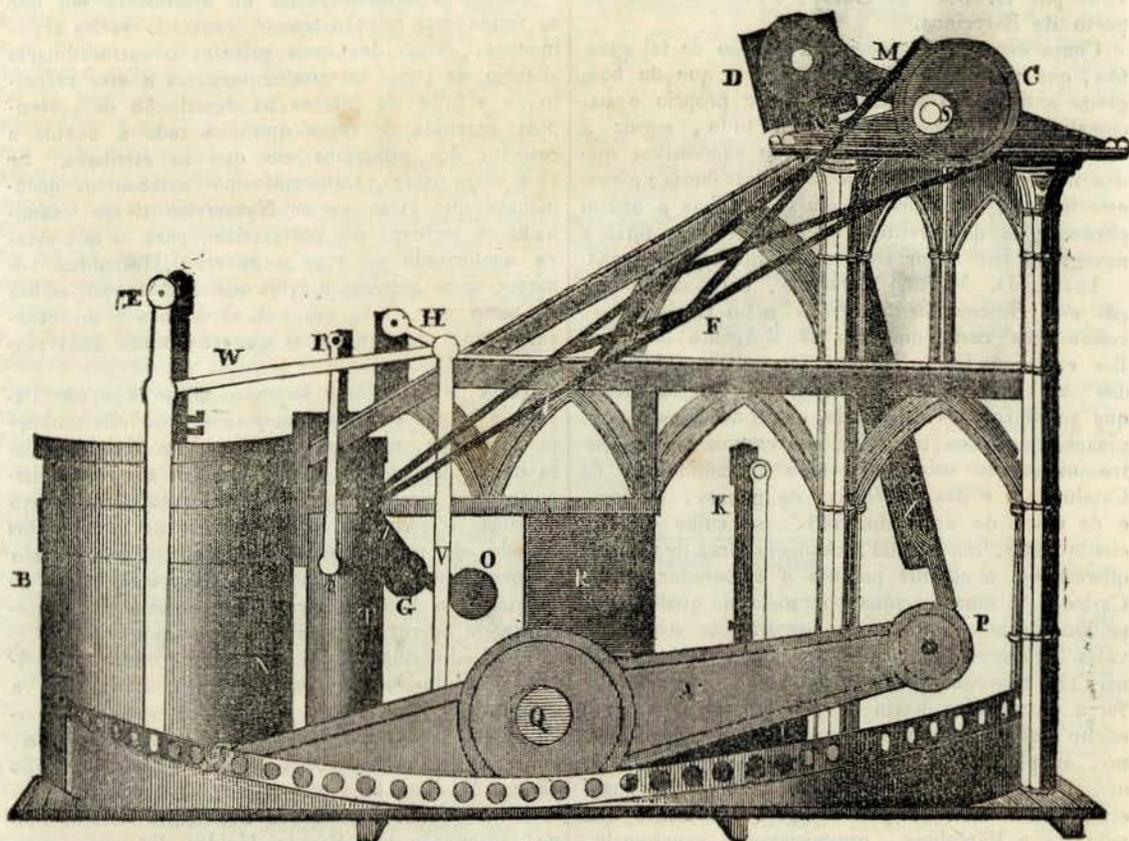
"Meditem bem estas palavras tão judiciosas de M. Bruguiere os Europeus destinados a visitarem as regiões onde a appareição d'um estrangeiro produz uma grande desconfiança."

Depois de ler isto, e de saber os serviços que fazem á Religião, e á humanidade os Missionarios, (\*) quem não dirá com Lamartine portuguez na *Harpa do Crente*:

Feliz da terra, os monges não maldigas;

Do que em Deus confiou não escarneças!

(\*) As pessoas que desejarem ter noticias extensas e exactas dos esforços d'estes homens para propagar o Evangelho, e dos seus progressos em diversas partes do mundo, podem consultar *The Evangelical Magazine and Missionary Chronicle*, periodico mensal publicado em Londres, o qual acompanha um retrato em aço d'um Missionario. Os lucros do periodico, que é muito barato, são dedicados para as viuvas dos *Ministros Evangelicos* e outros objectos caritativos.



MACHINA DE BARCO DE VAPOR.

## SOBRE A NAVEGAÇÃO POR VAPOR.

Se espantosos são os efeitos da applicação da força do vapor ás Machinas Estacionarias, e importantes seus resultados no progresso da civilisação, não menos admiravel e digna de nossa attenta consideração é a appropriação desta força aos usos da Navegação.

Com effeito, quão extraordinaria é a facilidade de communicação que este poderoso agente tem estabelecido! Tempo houve em que uma leve brisa do Sul tolhia a travessa das 7 legoas geographicas que separão a Inglaterra da França, e causava graves inconvenientes em todo o mundo mercantil; hoje em dia seria sómente um furacão, uma horrorosa tempestade, quasi equivalente a uma convulsão da natureza, que impedisse a communicação entre Dover e Calais; e ja temos visto, em temporaes que imprimião respeito no animo do mais ousado navegante, largarem os barcos de Vapor do Tamisa para as costas da Hollanda e para Hamburgo com uma consciencia da força deste agente, que parecia indicar desprezo da ira dos elementos. Desde S. Petersburgo a Lisboa, de Lisboa a Alexandria, de Alexandria a Bombaim; pelo Báltico, o mar Germanico, o canal da Mancha, a Bahia de Biscaia, o Atlantico, o mar Roxo, e o Indico — temos uma nova estrada maritima e posta regular, que, alem de facilitar a communicação com o interior da Europa, restabelece com a India a antiga carreira, que o sublimado esforço dos navegantes Portuguezes fizera esquecer; e bastão hoje 60 dias para se communicar a capital da Gran-Bretanha com a costa occidental da Península d'aquem Ganges — e conseguir o que até aqui, pelo Cabo da Boa Esperança, apenas se effectuava, não obstante os aperfeçoamentos modernos em Nautica, em 6 mezes de prospera viagem.

Mas ainda isto era pouco. — A vasta extensão do Oceano, que separa as praias da Europa do Continente Americano, desafiava a navegação por vapor, porque tornava sumamente difficiloso o transporte da massa do carvão necessario: lá vão o *Sirio* e o *Great-Western* (o Grande-Occidental) e 14 dias lhes bastarão para ancorarem em Nova-York!

Mas concentrêmos nossas idéas sobre nós mesmos. Ainda nos lembrão os tempos em que antes de se emprehender uma viagem para Lisboa, fazia-se testamento e recebião-se os sacramentos — hoje em dia podemos vêr Lisboa duas vezes por semana! Ontr'ora considerava-se uma temporaria ausencia para Inglaterra, como um esforço a que sómente negocios de summa importancia obrigavão — hoje em dia vae-se a Inglaterra em 4 dias, e os residentes Inglezes em Portugal vão lá passar um par de mezes como nós vamos para a Quinta. Não terminariamos se quizessemos referir todos os melhoramentos em communicações e correspondencias com paizes estrangeiros que tem produzido entre nós a navegação por vapor, e todos os beneficios que daquí tem provindo ao progresso da civilisação.

A gloria de ter dado á luz o primordial inventor da navegação por vapor tem sido objecto de viva controversia entre os Inglezes e os Americanos dos Estados-Unidos; estes pertendem que Fulton, de Pennysilvania, fôra em 1807 o verdadeiro inventor; aquelles, que a invenção se deve attribuir a Hull, de Londres, no anno de 1737. Ha dois annos que o bem conhecido sabio Francez, Arago, saiu a campo disputando os direitos d'uma e outra nação, e querendo appropriar a descoberta ao seu compatriota Papin, que alguma cousa disse a este respeito, no anno de 1695. Finalmente não faltão fundamentos aos Hespanhoes para sustentarem que o 1.º Barco de Vapor fôra construido em

1543 por D. Braz de Garay, e experimentado no porto de Barcelona.

Cousa estranha á sciencia é a decisão de tal questão, que mui pouco lhe importa, e que de bom grado entrega ao arbitrio do amor proprio e nacionalidade. Interessa-nos, com tudo, seguir a mente humana em todos os passos successivos que deu no progresso desta importante descoberta; e com este intuito, lançemos um cursorio olhar á ordem chronologica de inventos que trouxerão a final a navegação por vapor ao auge em que hoje se acha.

1543. D. Martin Navarrete, em sua *Collecção dos Descobrimentos feitos pelos Hespanhoes*, refere uma carta que em 27 d'Agosto de 1825 lhe escreveu Dom Thomaz Gonçalves, Director dos Archivos Reaes de Simancas. Desta carta, que se affirma ser fundada em "documentos originaes guardados nos referidos reaes archivos, entre os papeis sobre o estado do commercio da Catalunha, e das secretarias de guerra, de terra e de mar, do anno de 1543", se colhe que no citado anno, um official, chamado Braz de Garay, offereceu-se a exhibir perante o Imperador e Rei Carlos 5.º, uma machina por meio da qual se impellião embarcações sem o soccorro de remos ou vélas. Pareceu ao principio ridicula a proposta, mas tão convencido estava o engenheiro de que a força da machina havia de produzir o annunciado effeito, que dirigiu novas representações ao Governo, supplicando a sua magestade se dignasse dar ordem á execução do seu projecto; a consequencia foi o nomear o Imperador uma commissão que passasse a Barcelona, presenciasse a experiencia, e dêsse sua conta do resultado. Com effeito preparou Garay um navio mercante chamado a Trindade, de 200 toneladas, e chegados os commissiionados fez-se a experiencia em 17 de Junho de 1543. Ao dado signal pôz-se o navio em movimento, e fez varias evoluções em mudanças de direcção, virando de bordo á vontade do timoneiro, e isto sem vélas, sem remos, e sem outro mechanismo visivel alem d'uma grande caldeira d'agua a ferver, uma complicada combinação de rodas por dentro, e um systema de pás que giravão no costado do navio d'um e d'outro bordo.

Os commissiionados na conta que derão ao Imperador referirão que o engenheiro Garay havia cabalmente desempenhado sua promessa, mas dentre elles Ravago, thesoureiro mór do reino, mostrou-se pouco inclinado ao inventor e á sua machina. Depois de ter dado seu testemunho em favor do bom exito da experiencia, e de ter louvado o engenho de Garay, esforçou-se em convencer o monarcha de que tal invento era de pouca ou nenhuma utilidade; que a complicação do mechanismo havia de exigir constantes reparos, e requeria immensos gastos; que o barco não caminhava mais que uma legua por hora, e menos caminharia se estivesse carregado, e que sobretado a caldeira, não sendo possível que por muito tempo resistisse á força do vapor, rebentaria frequentemente, e causaria grandes desgraças.

Ignora-se se Carlos 5.º ficou convencido das razões do seu thesoureiro; mas de certo não foi insensível ao merecimento do inventor, a quem promoveu com um posto de accesso; e, mandando pagar todas as despesas da experiencia pelo thesouro, deu-lhe um premio de 200,000 maravedis, somma consideravel naquella tempo, e que prova que o invento de Garay era de transcendente importancia. Talvez que a mente do Imperador fosse distrahida deste objecto pelas expedições militares que naquella tempo projectava.

Contra a authenticidade do documento em que se funda esta relação tem-se levantado varios argumentos, sendo dos mais valentes o extraordinario silencio de todos os contemporaneos a este respeito, e a falta de clareza na descripção da pertendida machina de vapor que tire toda a duvida a respeito dos principios em que se estribava. Se Gonçalves tivera transcripto por extenso os documentos que víra, — se Navarrete tivera examinado os archivos das secretarias, para o que estava auctorisado — e se o governo Hespanhol tomasse neste negocio o calor que devêra, pôr-se-hia de certo este facto em sua verdadeira e incontroversa luz: mas ignorámos que se tenham dado passos a este respeito.

1695. N'um folheto impresso neste anno por Papin, achamos entre as applicações que elle enumera do vapor, uma descripção de uma machina para mover um navio, dando impulso aos remos dispostos em circulo, por via d'um systema complexo de rodas e cylindros connexos com as hasteas dos embolos de uma machina de vapor. Varios outros Francezes em subsequentes épocas, com Duquet e Perrier, e o Alemão Bernouille, tratárão da possibilidade de mover embarcações por vapor.

1736. Jonathan Hull, de Londres, tirou um privilegio exclusivo pelo espaço de 14 annos para a construcção d'um barco movido por vapor. A machina era pouco mais ou menos a de Newcomen, e movia esta umas rodas de pás que trabalhavão na agua. Esta idéa não passou de projecto.

1775 — 1778. Ellicot e o celebre Thomas Paine, suscitárão nos Estados-Unidos d'America planos para a navegação por vapor.

1781. O Marquez de Jouffrey, (seguindo as idéas do Abbade Arnal) construiu um barco de vapor sobre o rio Saône. Os acontecimentos da revolução tolherão o progresso dos melhoramentos que intentava.

1785. Fitch, nos Estados-Unidos, depois de muita controversia com um Rumsay do mesmo paiz, construiu um barco de vapor, e tratou de navegar no Delaware; foi porem mal succedido.

1795. Por estes tempos começou a attenção publica em Inglaterra e França a dirigir-se com algum afiço á navegação por vapor. Miller, Symington e Taylor construírão pequenos barcos que experimentarão nos canaes da Escocia. Lord Stanhope fez experimentos junto a Londres com um barco de vapor, cujas rodas externas tinham a forma de pés de aves aquaticas; mas a execução não correspondeu ao projecto.

1796. Le Blanc, de Trevoux em França, obteve um privilegio exclusivo para a construcção d'um barco de vapor. O Americano Fulton achava-se occupado a esse mesmo tempo em experiencias analogas ao objecto, junto á Ilha dos Cysnes, no referido paiz.

1802. O mesmo Symington, que acima mencionamos, construiu por ordem do Governo Inglez um barco de vapor no canal de Forth e Clyde na Escocia. Depois de varios ensaios e de muita despezas, donde resultárão varios melhoramentos, abandonou-se sua applicação ao canal, cujas margens deteriorava pela pouca distancia que havia entre ellas e as rodas do barco. Este barco foi mui attentamente examinado por Fulton, que caminhou nelle pelo canal com uma velocidade de 2 legoas Portuguezas por hora.

1803. Fulton, appoiado pelo embaixador Americano em Pariz Mr. Livingston, construiu um barco de vapor sobre o rio Senna, junto á mencio-

nada capital. Depois de varios tropeços e inconvenientes, achou-se que o barco era mui pouco veloz; mas Fulton soube distinguir com acerto as causas dos seus defeitos, que não erão senão dependentes da má construcção da machina. Para o fim d'um mais feliz successo passou Fulton a Inglaterra, onde fabricarão os célebres aperfeiçoadores das machinas estacionarias de vapor, Watt e Bolton, uma machina sob suas instrucções. Completa ella em 1805 foi conduzida por Fulton a Nova-York, e em 1807 foi lançado ao mar o barco de vapor *Clermont*, e correspondendo a todas as esperanças do seu constructor, passou a servir de paquete entre Nova-York e Albany. Por este tempo e no mesmo paiz, construiu o engenheiro Stevens (e parece que sem conhecimento dos planos de Fulton) outro barco de vapor, que não foi á agua senão poucos dias do *Clermont*. O privilegio exclusivo que Fulton tinha obtido, excluindo a Stevens da navegação do rio Hudson, partiu este, como em despique, de Nova-York, e sem receio dos perigos do mar, foi a Delaware em Nova Jersey. Se Fulton foi o primeiro que construiu e navegou um barco de vapor que não fosse abandonado por imperfeito, a Stevens cabe a gloria de ter sido o primeiro que se aventou nesta especie de embarcações no alto mar.

1812. Ainda que a machina do barco de Fulton fosse fabricada em Inglaterra no anno de 1805 como vimos, não foi com tudo senão em 1812 que se começou a effectiva navegação por vapor em Inglaterra. Neste anno construiu Bell um barco mui pequeno de 40 pés de quilha, e da força de 3 cavallos, e com elle navegou no rio Clyde. No anno seguinte fez-se outro de maiores dimensões, da força de 30 cavallos, e de mui consideraveis melhoramentos. Desta época data a introdução da navegação por vapor em Inglaterra, e a serie de melhoramentos que a tem elevado ao grau de perfeição em que hoje se acha. Em 1815 dous barcos de vapor circumnavegãrão a Inglaterra; em 1816 um barco de vapor atravessou de Brighton em Inglaterra para Havre-de-Grace em França, e subiu pelo rio Sena até Paris; em 1820 se estabelecerão paquetes de vapor entre Inglaterra e Irlanda; e em 1825 o barco de vapor *Empress* fez uma viagem de Londres a Calcutá, e mostrou a practicabilidade da navegação do alto Oceano por meio de vapor. A melhoramento tem seguido melhoramento; ás machinas de *baixa pressão* tem sido substituidas machinas de *alta pressão* (\*) (Veja-se nosso N.º 9); a construcção das caldeiras, das valvulas de segurança, tem sido aperfeiçoada; e finalmente raro é o anno que se passa sem alguma importante innovação.

Veiu o anno de 1838 e tratou-se de comunicar a Europa com a America do Norte por meio de barcos de vapor. Já na verdade tinham havido barcos de vapor que, por cousas fortuitas e em circumstancias particulares, tinham conseguido passar d'um continente a outro. O *Savana* tinha vindo duas vezes á Europa, mas sua derrota fôra muito circunventa. Em 1832 o vapor *Guilherme 4.º* atravessou de Quebec a Portsmouth — mas sua viagem não teve outro fim do que apresentar o navio n'um mercado onde achasse proveitosa venda — e por tanto as circumstancias de sua navegação fôrão facilitadas por este motivo. O que porem agora se tratou de estabelecer foi a communicação directa, rapida, e commercial entre os dous paizes.

(\*) Os Inglezes e Francezes são mais affeiçãoos á baixa pressão; os Americanos usão mais da alta pressão.

Construirão-se para este destino especial dous barcos de enorme força e correspondentes dimensões; e no mez de Abril partirão o *Sirio* e o *Great-Western* de Inglaterra para Nova-York. Pelo dia 22 de Maio estavam ambos de volta, sendo o termo medio da travessa 14 dias. O ultimo trouxe 60 passageiros, 20,000 cartas, e uma preciosa carga de algodão, seda, anil, e outros artigos. Consumiu 22 quintaes de carvão por hora. Podemos por tanto dizer que a carreira entre os dous continentes está definitivamente estabelecida.

As tabellas que se seguem darão alguma idéa do estado da navegação por vapor na Gran-Bretanha.

N.º de Barcos de Vapor construidos no Imperio Britannico (incluindo Ilhas do Canal e Indias Occidentaes) durante os annos á margem indicados.

N.º de Barcos de Vapor pertencentes ao Imperio Britannico (incluindo Ilhas do Canal e Indias Occidentaes) em cada um dos annos á margem apontados.

Annos	Tonellad.		Tonelladas	
	Navios		Navios	
1814..	6...	672	2	456
1815..	10...	1,394	10	1,633
1816..	9...	1,238	15	2,612
1817..	9...	2,054	19	3,950
1818..	9...	2,538	27	6,441
1819..	4...	342	32	6,657
1820..	9...	771	43	7,243
1821..	23...	3,266	69	10,534
1822..	28...	2,634	96	13,125
1823..	20...	2,521	111	14,153
1824..	17...	2,234	126	15,739
1825..	29...	4,192	168	20,287
1826..	76...	9,042	248	28,958
1827..	30...	3,784	275	32,490
1828..	31...	2,285	293	32,032
1829..	16...	1,751	304	32,283
1830..	19...	2,226	315	33,444
1831..	36...	4,436	347	37,445
1832..	38...	4,090	380	41,669
1833..	36...	3,945	415	45,017
1834..	39...	5,756	462	50,735
1835..	88...	11,231	538	60,520
1836..	69...	9,700	600	67,969

A Estampa que precede este artigo representa uma dessas machinas de vapor que se collocão no interior dos navios.

A armação é de ferro coado; sua solidéz é proporcional ao vasto esforço da machina e á violencia dos movimentos do navio no agitado mar.

B é o cylindro de vapor; de maior diametro e de menor altura do que nas machinas estacionarias, a menor extensão do jogo do embolo é recompensada pela augmentada superficie que este offerece á impulsão do vapor.

T é um tubo lateral que communica entre a caldeira e o cylindro. Um systema de valvulas, connexo com a hastea I, dirige o vapor, ora sobre a parte superior do embolo, ora sob a parte inferior.

A hastea I faz mover a grande alavanca Q A P. O movimento perfeitamente vertical da hastea I em seu cylindro é determinado pela combinação d'alavancas W H V. A situação inferior da grande alavanca economisa espaço e concorre para collocar o centro de gravidade da machina o mais baixo possível — condição esta que é essencial na estiva das embarcações.

A extremidade P da grande alavanca move o braço X, (letra mal perceptivel na gravura,) cuja

extremidade D é connexa á manivella M. O giro desta sobre o eixo S determina o movimento das rodas de pás situadas nas extremidades do mesmo eixo. Cada ascenço e descenço do embolo faz com que a manivella M complete uma revolução sobre o eixo.

C é uma roda, fixa ao eixo S mas (\*) excentrica ao mesmo. O movimento do eixo communica-se pela alavanca F á manivella Z, que por meio da alavanca nGO, movel sobre G, transfere o movimento á hastea n I. Dest'arte se regula a passagem superior e inferior do vapor. O globo metallico O serve de contrapezo.

O condensador U, e a hastea de sua bomba K fíção em grande parte occultos pelas outras peças da machina. Na parte inferior da estampa vê-se uma gradaria de ferro destinada ao resguardo dos operarios.

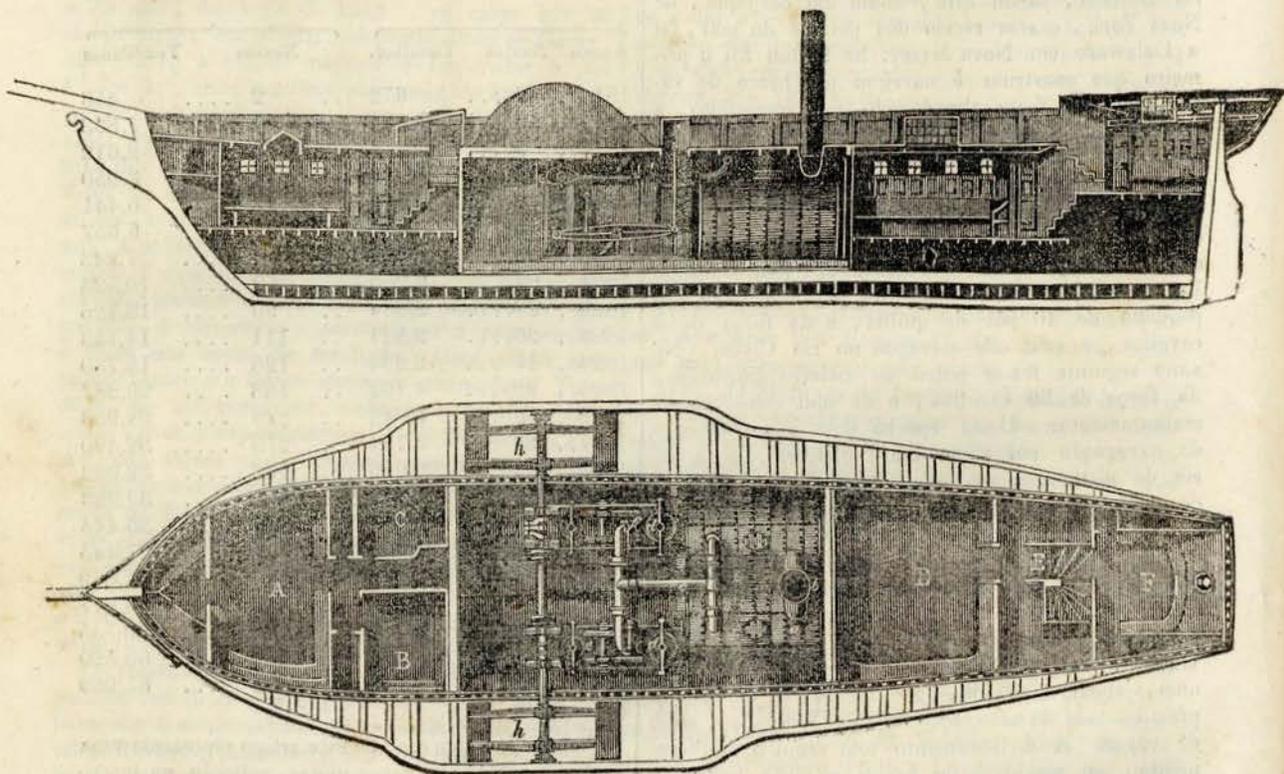
O deposito d'agua para a condensação assim como o fornecimento daquella que deve na caldeira produzir o vapor, são suppridos por bombas que, con-

venientemente movidas por communicações com a grande alavanca, trabalhão nas aguas em que o barco navega.

O mecanismo que temos descripto é duplicado em todos os barcos de vapor modernos. O vapor fornecido por uma unica caldeira, move duas machinas de força igual. Em alguns barcos cada uma destas emprega-se em dar movimento a uma das rodas externas de pás independentemente da outra roda; em outros, a força, conjuncta das duas machinas emprega-se em communicar o movimento a um unico eixo, em cujas duas extremidades estão fixas as rodas de pás.

Por imperfeita que seja esta nossa descripção dará com tudo alguma idéa a nossos leitores do trabalho das machinas nos barcos de vapor.

O modo de sua collocação é representado nas gravuras seguintes que servirão de completar nossas idéas.



VISTA SECCIONAL E PLANTA DA ARMAÇÃO D' UM BARCO DE VAPOR

A, camara de proa. B, camara do Despenseiro. C, Dispensa. D, camara de popa que serve de sala de reunião e comida. E, escada principal. F, camara particular para Senhoras. a caldeira para a produção do vapor. b chaminé para expulsão do fumo da fornalha. c tubo do vapor que o leva aos cylindros dd pelas valvulas f. e bomba d'ar. hh as 2 rodas de pás.

Não é sómente na marinha mercante que se tem introduzido o vapor como força movente; a marinha de guerra já tem embarcações movidas por vapor, das quaes umas são destinadas sómente a servir de correios ou para reboques, em quanto que outras appresentão artilheria de força prodigiosa. O

*Lightning* da Marinha de Guerra Inglesa é de 300 tonelladas, tem duas machinas cada uma da força de 50 cavallos, é do comprimento de 122 pés, consomme 12 quintaes de carvão por hora, e anda 10 milhas no mesmo espaço de tempo. Tem sobre o convêz duas coronadas enormes de rodizio que lanção balla ôcca (bombas) do diametro de 11 polegadas, o que corresponde a um calibre maior que o da peça á *Paixham* (denominado Paulo Cordeiro) que serviu contra a Cidade do Porto no seu ultimo cerco. O *Rhadamanthus* e o *Dee* são construidos e armados segundo os mesmos principios.

O MUSEU DO SNR ALLEN,

CONCEBEMOS facilmente que um Governo possa formar um Gabinete de Historia-natural, um Museu,

(\*) *Excentrico* — que não tem o mesmo centro.

uma Galeria de pinturas, porque os meios que tem á sua disposição são grandes, e estão na razão do seu poder, e das suas riquezas. Supponhamos, que a Hespanha quando no auge do seu poder era aquella nação que

" Rainha do mundo proclamou o Destino,  
A que todas as zonas extendia  
Seu sceptró d'ouro e seu brazão divino,"

tivesse tido um monarcha, ou um ministro que se lembrassem de formar na córte um Museu, e tivessem dado aos seus vice-reis algumas ordens e instrucções ao effeito, que nação no mundo poderia competir com ella a este respeito? Os conquistadores da America poderiam ter recolhido mil objectos utilissimos para a historia d'aquellas vastas regiões, porem em lugar d'isso, levados d'um falso zelo religioso proprio d'aquelles tempos, se occuparão mais em destruir, que em recolher, o que não fosse metaes preciosos, que tanto contribuirão depois para despoovar a Hespanha. Os vice-reis de Napoles poderiam ter enriquecido o Museu com pinturas, e producções das artes e da natureza de varios pontos da Italia, e assim de diversas partes do mundo. Não se diga por isso que a Hespanha carece d'um Museu e d'um Gabinete de Historia-natural, pois aquelle é riquissimo em pinturas dos mais afamados Professores antigos e modernos, e este é talvez do melhores que se conhecem. O que nós queremos dizer é que ambos elles não são o que podião ter chegado a ser.

Outro tanto podemos dizer a respeito do nosso paiz quando os reis de Portugal erão respeitadas e temidos em muitas partes da Asia, e da Africa, e da America, tiverão a occasião de formar um riquissimo Museu em Lisboa; porem não era este o gosto do tempo.

A Inglaterra, a França, e outras nações poderosas enriquecem hoje seus Museus com as collecções que trazem das suas expedições os que vão por sua ordem circumnavegar o globo. Os Governos além d'isso tem sobre os particulares entre outras muitas vantagens a d'uma longa vida, porque a nação não morre, e quantos mais annos passão, tanto mais um Museu Nacional váe crescendo em riqueza e formosura.

Para que um particular possa formar um Museu quantas cousas são necessarias que se combinem! Não é bastante que a fortuna lhe tenha prodigalizado seus favores, se ao mesmo tempo não tem valor para empregar avultadas sommas de dinheiro na compra dos objectos que hão de servir para o Museu: é um capital morto, que não rende ao dono senão os elogios que se tribuão ao seu amor proprio, e a satisfação que lhe deve resultar de possuir uma cousa rara no paiz, e que serve para animar as Bellas-Artes. Além dos meios pecuniarios e d'uma alma grande para os empregar, é um requisito indispensavel ter viajado muito, e visto o que ha de melhor relativamente a Museus, para que, observando e comparando, possa adquirir um gosto delicado, acompanhado de intelligencia e criterio. Finalmente, n'isto como em quazi todas as cousas humanas, uma grande parte depende da fortuna do individuo. Porque, de que serve que elle se desvele, e trabalhe, e queira gastar se não se lhe apresentão boas occasiões de adquirir objectos dignos da inspecção publica?

Temos feito esta introduccão para apontar as difficuldades com que temido que lutar o Sr. Allen para poder ter a satisfação de formar o seu Museu, do qual vamos dar alguma idéa nos estreitos limites d'este artigo.

Só depois de concluido o prolongado cerco d'esta cidade é que o Sr. Allen se resolveu a fazer uma casa destinada exclusivamente ao Museu. Teve a fortuna de que os projectis que lançarão os sitiadores não caissem onde estavam guardados os objectos

raros e preciosos em que muitos annos tinha ajuntado. O edificio que serve de Museu (\*), é situado no fundo do jardim da casa em que mora o Sr. Allen: consta de tres salões iguaes de 22 palmos e meio de altura, 47 de comprimento, e 26 e meio de largura. A luz entra em todos elles por claraboias bem dispostas no tecto.

A primeira sala contém uma riquissima collecção de conchas, entre as quaes algumas ha de muitissima estimação e que outros gabinetes publicos não possuem. Todas ellas estão collocadas por familias, segundo o systema de Linneo com preferencia ao de Lamarque. Vê-se alli quão caprichosa tem sido a Natureza tanto na figura como nas cores, que tem dado a certas conchas. Que assombrosa variedade! Que delicadeza nas formas! Que profusão, que viveza nos matizes! Além das conchas ha tambem outras curiosas producções maritimas dignas da attenção d'um naturalista.

Esta mesma sala contém 126 quadros de diversos autores; entre os quaes merecem ser citados as *Nupcias de Thetis e Peleo*, quadro mythologico, onde se vê a invejosa Discórdia lançando a maçã com o letreiro para a mais formosa, origem da guerra de Troia. Esta pintura, que se suppoem ser de Rubens, pertenceu ao Lord Audley. Por baixo d'este painel, á mão direita, ha uma pintura de Tenniers de muita estimação como todas as d'este alegre pintor flamengo. Uma cabeça d'um rapaz, do pintor hespanhol Murillo; um S. Sebastião de Guido, uma lindissima paisagem de Rembrand, um S. Francisco penitente por Carraccio, um Floreiro por Picart, um Jesus no Horto, por Pedro de Cortona, dous quadros a pastel por Pilment, e um quadro obra de Vieira Portuense são as pinturas que mais se distinguem n'esta sala.

Os visitantes vêem na segunda sala uma collecção de mineraes, de marmores, de lavas do Vesubio, de pedras preciosas em bruto e lapidadas, e outros objectos raros da arte e da natureza, cuja descripção nos occuparia muito espaço. Faremos com tudo menção de tres cousas; a primeira o relógio que usou D. Ignez de Castro; a segunda um bocado de renda natural, isto é, casca de arvore convertida em renda finissima, e da qual se servem alguns Indios da America para os seus adornos, como as Senhoras dos nossos paizes das rendas artificiaes. A terceira cousa é um caroço de cereja de tamanho natural, que contém quinze duzias de colheres de prata bem trabalhadas. Lembra nos a este respeito o titulo d'um capitulo das obras do P. Hespanhol Feijóo, o *Maximo no Minimo*, dedicado á descripção de objectos d'esta natureza. Se fazemos menção particular d'este caroço não é tanto como objecto raro, porque em Inglaterra tem-se vendido bastantes iguses, como para fazer vêr até que ponto chega a industria e a paciencia do homem.

Um Christo crucificado, um S. João, e um quadro historico pintados por Vieira o Portuense; a Morte de Abel, e o Sacrificio de Isaac por Carabaggio: dous retratos de Vandyck, varios esboços de Cades, um ataque entre Turcos e Venezianos, um quadro de Tenniers, um Christo na Cruz por Vantulden, discipulo de Rubens, duas paisagens a pastel por Pilment, e uma Caravana por Salvador Ro-

(\*) Uma estampa lithographada que representa a parte interior d'este edificio ha de apparecer no 3.º e ultimo vol. de geografia de D. José de Urcullu, no proximo mez de Janeiro.

sa, são os painéis que chamão mais a attenção entre os 170 que adornão esta salla.

A ultima tem dous quadros magnificos de perspectiva por Bombelli; um d'elles representa o *choro dos Frades Capuchos*, e o outro uma *Escola de Meninas*, comprados pelo Sr. Allen em Roma. A luz está com tal arte distribuida, que os objectos formão Vulto, ou por melhor dizer relevo, em termos que a illusão cresce quanto mais se examina. Christo no acto de ser depositado no Sepulcro, o Sonho de S. Jeronimo, duas Cabeças, uma d'um Velho mathematico e outra d'uma Velha a rezar as contas, dous esbocetos de Dominichino, duas paisagens de Vieira Lusitano, merecem ser citados entre os 140 painéis que contém esta salla.

Alem d'estas pinturas vê-se alli uma mesa redonda de sete palmos de diametro, embatida de diferentes marmores romanos dispostos em circulos concentricos, todos elles numerados para se poder consultar no catalogo a classe a que pertencem. Sobre diversas mezas estão collocados objectos dignos de serem notados pela sua raridade ou riqueza. Não pasaremos em silencio duas obras primorosas d'um escultor Portuense, João José Braga, que morreu da Cholera-Morbus durante o cerco d'esta cidade. Este habilissimo escultor era eminente em representar Meninos em diferentes attitudes feitos de barro: os dous que se vêem no Museu do Sr. Allen estão, um d'elles a dormir, e o outro no momento de acordar. Que carnes tão mórbidas! que expressão! que graça! que naturalidade! Se este Artista tivesse sido Francez ou Inglez, em poucos annos teria adquirido riquezas, e a fama dos seus talentos teria resoado em todos os angulos do mundo. Era Portuquez, e apenas se sabe onde está enterrado...!

Sobre uma das mezas está n'um caixilho de ebano um S. Francisco Xavier, o Apostolo das Indias, obra primorosa de marfim; e na meza em frente, um Calix de prata dourada com a sua patena, peças antigas, de gosto gotico, ricamente trabalhadas. Adorna um dos angulos da mesma salla um lindo grupo de marmore que representa Venus e Cupido.

Daremos fim a este artigo com uma observação que julgamos essencial. O proprietario do Museu tem tomado, como é justo, todas as precauções para que elle não seja roubado sem logo ser descoberto o autor do roubo, e apanhado *in fraganti delicto*. Consta-nos igualmente que o Sr. Administrador Geral tomou, depois de ter visitado o Museu, um vivo interesse pela sua conservação, e espontaneamente offereceu ao seu dono que havia de recommendar muito especialmente aos Chefes da Guarda Municipal para que as rondas de noite vigiassem com particular cuidado aquella parte da rua em que está situado o Museu. Todos os amigos das Bellas Artes, todas as pessoas de gosto, todos os que tomão a peito a prosperidade do Porto, devem igualmente interessar-se pela conservação do Museu do Sr. Allen.

Na meza que está no meio, onde n'um livro elegantemente encadernado escrevem seu nomes os Visitantes, está collocado um obelisco de marmore preto, que, quando o vimos pela primeira vez, julgamos era o modelo do obelisco de Luxor, ou uma das agulhas de Cleopatra em Alexandria. Soubemos depois que representa o obelisco que descobriu na ilha de Philae ou Filea, situada no Alto-Egypto, o viajante Belzoni. (\*)

Dentro de poucos dias esta salla ha de ter como

(\*) N'um artigo dedicado a este celebre viajante daremos a traducção da inscripção grega gravada no pedestal d'este obelisco.

as outras duas á roda d'ella armarios envidraçados para guardar n'elles antiguidades, fossis, um rico medalheiro e outras muitas cousas curiosas, que por falta de local apropriado ainda não são patentes aos Visitantes. Estes não podem deixar de admirar o gosto, a elegancia, o asseio, e a ordem que reina no Museu. Os Estrangeiros, e os Nacionaes que o tem visto convem unanimemente em que não formavão idéa de que na cidade do Porto houvesse uma cousa que mesmo nas capitaes das nações mais civilizadas seria digna de admirar-se.

## HISTORIA DA SUISSA.

### Adelaide de Sargans, Baroneza de Wart.

#### I.

No 13º e 14º seculo existia nos Alpes da Rhecica a muito nobre e poderosissima familia dos Condes de Watz, e Sargans; a quem immensas riquezas, e grande numero de vassallos permittiu sustentar renhidas guerras contra o Abbede de Sam-Gall; segundo nos referem os annaes d'esta familia, que, quasi todos, d'ellas se occupão exclusivamente.

E' todavia n'estes mesmos annaes bem diversamente despertada a curiosidade pelos nomes das senhoras da casa de Sargans; algumas das quaes se achão immortalmente collocadas perante os olhos da posteridade. E se o véu do esquecimento cobriu sobre seus nomes gloriosos, é dever do historiador o levanta-lo, e apresenta-los ao mundo taes como realmente são: radiantes com o esplendor d'uma sublime virtude.

Offerecem-nos as antigas chronicas da Suissa, curiosos acontecimentos a respeito dos Senhores de Sargans e Watz; se bem que n'essa mesma epocha, em que seu excessivo poderio lhes ganhou o nome de *Senhores de dez jurisdicções*; era muitas vezes o crime que unicamente celebrava seu nome.

Era chefe da casa de Sargans em 1250 (1) Walther de Watz, conhecido em toda a Helvecia por sua execranda tyrannia e desordenada vida; e apesar de sua horrivel celebridade, Donat de Watz, seu filho, ainda o excedeu em crimes; merecendo seu nome a primazia entre os que na idade media, grangeavão o odio universal.

Desprezado muito tempo por seu pae, e educado por sua mãe, uma Italiana vingativa (2), cujo coração ulcerado pelo abandono, sabia só dirigir o de seu filho para uma rancorosa vingança; era Donat aos vinte annos d'idade um ente temivel; e tanto mais, quanto n'elle encontrou Lucrecia um natural completamente disposto a receber as impressões que ella pertendia inspirar-lhe.

Era debaixo do risonho céu da Italia, que se erguia o grito de tão infames paixões; era no centro dos mais voluptuosos festins da prazenteira Veneza, que Lucrecia indicava a seu filho o caminho da Helvecia: então, e só então sorria ella debaixo da sua coroa de flores... ella... Lucrecia, a quem a belleza ainda favorecia... e este pensamento tomava o crime d'abandono mais amargo, e indigne de perdão aos olhos d'uma mulher, que ainda se conhecia capaz d'agradar, e ser amada.

“Mas elle é nosso pae, elle é vosso esposo...”

(1) Este artigo é extraido dos antigos annaes da Suissa. Tudo nelle é exacto, e conforme com a historia; e quanto diz respeito aos infelizes Barão e Baroneza de Wart, pode ler-se em tantas partes, quantas são as que tratão da morte do Imperador Alberto.

(2) Lucrecia Devdati.

dizia com voz submissa uma joven donzella, a quem uma angelica expressão de candida bondade fazia ainda mais bella que Lucrecia. Então Lucrecia se voltava para ella, e olhando-a com uns olhos, onde vinhão reflectir-se todas as paixões de sua alma violenta; parece, que um odio ainda mais profundo para com o perjuro marido, respondia á linda intercessora por seu pae, a innocente Adelaide de Sargans, irmã de Donat de Watz.

“O minha mãe, perdoai-lhe,” repetia ella docemente, e cobrindo com ternas lagrimas as mãos de sua mãe.

“Nunca; (exclamava Lucrecia) eu serei tão implacavel como elle tem sido cruel. Jamais conciliação! Jamais perdão! E tu... tu... se tornas a repetir semelhantes palavras... terás a minha maldição.”

Não pôde, porem, Lucrecia realizar sua terrivel vingança. A morte a livrou de tormentos, e deixou Adelaide na orfandade, debaixo da tutela do Conde Donat.

Bem de pressa reconheceu a abandonada orfã, que tal companhia lhe não convinha; e foi com o maior pesar que ella viu rejeitada por seu irmão a proposta que lhe fez de retirar-se para um convento, fundado por sua familia em Zurich, onde desejava terminar sua existencia. Não pôde portanto deixar de ceder á vontade d'um despota, que, cercado d'uma mocidade vã e dissoluta, tinha a virtude de sua irmã em um continuo risco.

Entre os cavalleiros que visitarão o Castello de Donat, distinguia-se o Barão Rodolpho de Wart. Joven, bello, rico, e d'uma familia muito illustre soube insinuar-se no incauto coração da inexperiente Adelaide, que lhe tinha inspirado a mais extrema paixão. Não perdeu Donat tão bella occasião de aproveitar uma alliança que tanto o lisongeava, e que, reunindo interesses de familia a interesses de coração, prometia o mais feliz consorcio. Fallou portanto aos dous amantes, que, cheios de prazer, ligarão seus destinos com os indissolúveis laços do hymeneu.

Houverão justas, torneios, e toda a casta de festejos para solemnizar o casamento de Rodolpho e Adelaide, que se effectuou em uma quinta das margens do Brenta, onde vivia Donat.

Estava Rodolpho no auge de sua felicidade, e sentia o maior prazer em contemplar a sua querida Adelaide, como rainha de todos estes brilhantes festejos. Porem ella... ella soffria com estas perfidas alegrias, corruptoras do coração do seu Rodolpho. E tão grande foi o seu receio que procurou desvia-lo, fazendo com que mudasse de terra. Rodolpho nada via senão a sua Adelaide, e apenas desconfiou de sua vontade de deixar Venesa, cuidou logo nos aprestos para a jornada; e só depois de estar ja em caminho, é que lhe perguntou sorrindo-se: onde ella o conduzia?

“A' côrte do Imperador Alberto, meu Rodolpho.” Elle ficou suspenso e palido, e murmurou em voz mal distincta: “nunca, nunca.” Adelaide aproximou-se de seu marido, e apertando-lhe as mãos entre as suas, lhe disse com voz maviosa; “Meu amado, o Imperador Alberto é o nosso Senhor.”

“Ah! (exclamou o nobre mancebo) e como se tornou tal?... Não foi pelo assassinio? Ainda o campo de batalha de Worms (3) fumeja com o recém-derramado sangue d'Adolpho de Nassau, meu

(3) Esta batalha foi dada perto de Worms e Spire; e nella se baterão corpo a corpo os Imperadores Adolpho de Nassau, e Alberto d'Austria. Consta que Adolpho moirera d'uma estocada n'um olho, dada á traição.

infeliz... meu verdadeiro Senhor. Meu pae morreu defendendo-o, e forão suas ultimas palavras, a bênção paternal, e... a ordem de punir o assassino. Não o sabias tu, minha Adelaide?”

Palida, e muda de terror, a joven Adelaide apenas pôde fazer um signal negativo.

“Meu pae, (continua Rodolpho aproximando-a de si,) recommendou-me, expirando, a vingança do nosso Imperador sobre seu assassino... Sua sombra todas as noutes vem lembrar-me a terrivel missão, e... nem mesmo junto de ti deixa de me apparecer...” E o infeliz pousando então sua cabeça abrasada sobre o hombro de Adelaide; chorava como uma debil creança.

Conheceu Adelaide o perigo de sua melindrosa situação; e deliberou-se a cortar pela raiz a venenosa planta, que só podia produzir a morte. Mudou a direcção que tinha tomado, e conduziu Rodolpho a uma deliciosa habitação, que elle possuia nas margens do lago de Guarda. Ah!, na solidão dos campos, não se deseuidou Adelaide de dominar cada vez mais o coração, a alma, e todas as faculdades de seu marido; e com tanta arte o conseguiu, que até chegou a persuadi-lo de que a morte d'Adolpho não fôra senão o resultado d'um combate regular. A excommunição do Papa tinha-se levantado, e o Imperio Germanico estava ja submisso. Rodolpho entendeu que podia servir Alberto d'Austria; e partiu para Vienna, convencido por uma mulher, do que não tinham conseguido convencê-lo a razão e o raciocinio.

Não poderão porem as seductoras palavras d'Adelaide cicatrizar inteiramente a ferida que lhe sangrava no coração; e quando se viu ao lado do Imperador Alberto; quando contemplou sua pompa imperial; e observou sua criminoso frente cingida d'uma coroa usurpada; Rodolpho vacilou de novo. Tornou-se sombrio e triste. De dia fugia d'Adelaide, da sua querida Adelaide, que elle tanto idolatrava. De noute, era o seu somno perturbado por espantosas visões; e sua boca proferia involuntariamente palavras de sinistra significação. Tremeu então Adelaide pela existencia do seu Rodolpho, e propoz-lhe com instancia voltar para o socegado retiro do lago de Guarda; porem elle recusou sempre annuir a esta vontade d'Adelaide, e apesar de toda a sua condescendencia, nada foi capaz de resolvê-lo a deixar a côrte do Imperador Alberto.

João de Suevia, sobrinho d'Alberto, joven, bello, e interessante, se tinha apresentado ao Barão de Wart como uma nova victima do despotismo do Imperador; e logo Rodolpho lhe dedicou sua amizade. (4) Quando se conhecerão era o Duque ainda innocente, e seu amavel caracter, e profunda desgraça seduzirão Rodolpho, que lhe jurou eterna fidelidade. Alem d'isso o odio que ambos tinham a Alberto mais estreitava os laços que os união; e quando Rodolpho, que por sua idade era respeitado do Principe, lhe fallava em enterrar um punhal no coração do despota: um sorriso era a resposta de João.

Conhecia perfeitamente o Imperador o odio de Rodolpho, e com quanto se conservasse supito, seu olhar terrivel involvia muitas vezes no mesmo anathema o sobrinho detestado, e o vassallo rebelde. Estes sinistros olhares não escaparão a Adelaide.

“Fujamos, (dizia ella, toda tremula, a Ro

(4) Alberto era tio e tutor de João de Suevia; e conservou em sua mão todos os seus bens, instigando-o violentamente ao crime. Se João foi criminoso, muito mais o foi Alberto. E muito antes do attentado devia Alberto espera-lo; pois bem o tinha merecido.

dolpho) fujamos ...” porem elle a apertava silencioso contra o seu coração, e pondo um dedo sobre seus beijos descorados, parecia dizer-lhe

*Ainda não é tempo.*

Estava Adelaide quasi a ponto de ser mãe pela primeira vez; quando um dia, entra Rodolpho no seu quarto, colloca-se aos seus pés, admira-a com amor, beija-lhe as mãos, e molhando-as com lagrimas de fogo diz-lhe finalmente: “Adelaide, é necessario partir para Ousponne.”

“Partir? ! (exclama ella) ah! ... sim, sem duvida... mas, contigo?”

Rodolpho depois d’olhar para ella sem fallar, continua: “comigo?... não, não... eu fico. Mas tu, minha Adelaide, é necessario que partas.— É necessario (repetiu elle com um tom de severidade, que até então nunca empregára); eu o exijo.”

Adelaide susteve as lagrimas, mas sentia-se morrer, ferida no coração.

“Partirei”. Foi a sua ultima resposta á determinação de seu marido. (*Continuar-se ha.*)

#### D. JOÃO II DE PORTUGAL.

[*Concluido do N.º anterior.*]

DISSEMOS que D. Manoel não devera succeder a D. João, segundo a ordem natural. Antes de fallarmos na morte d’este monarcha, diremos em poucas palavras qual foi o successo imprevisito que transtornou a ordem da successão á coroa.

D. João teve dous filhos; um legitimo, D. Afonso, e outro illegitimo, D. Jorge. O primeiro, em quem os Portuguezes julgáram ver um principe capaz de reproduzir o reinado do seu illustre pae, casou em 1491 com a infanta de Castella D. Isabel, filha mais velha dos reis Catholicos. Porem oito mezes depois de celebrar esta feliz alliança, e quando D. João e sua esposa dispunhão novas festas para sua solemnização, o joven Afonso, correndo a cavallo pelas margens do Tejo, deu uma violenta queda e morreu logo depois na choupana d’um pescador. A dor dos páes correspondeu á gravidade d’uma perda tão lamentavel.

O rei quiz muitas vezes preferir seu filho natural Jorge a seu primo D. Manoel, porem a rainha irmã d’este ultimo principe sempre se oppoz a tão injusto designio. D. João procurou legitimar seu filho, e recorreu para este fim, ao papa Alexandre VI; porem os emissarios dos reis Catholicos, da rainha e de D. Manoel souberão inspirar a Borgia, escrupulos de que não parecia muito capaz, e que não teve em outras occasiões de mais importancia.

Dous annos depois, a doença que devia terminar a vida d’aquelle grande rei; o obrigou a procurar os ultimos consolos da religião, e a dispor-se a morrer. D. João tinha sido constantemente piedoso e affeiçãoado aos principios e praticas religiosas; porem os historiadorees Hespanhoes e Portuguezes não se contentão com fazer elogios da sua devoção e piedade, mas allegão como actos de grande merito as absurdas concessões que fêz ao papa Innocencio VIII, e o seu comportamento barbaro e cruel com os Judeus lançados de Hespanha pelo zelo fanatico dos reis Catholicos: elogios dignos d’uma epoca em que as considerações mais sagradas e os principios mais justos se sacrificavão aos erros com que a corte de Roma enganava os reis, e escravizava os povos.

D. João, conhecendo que se approximava seu fim, entregou-se nas mãos do seu confessor Fr. João

da Povia, religioso da ordem de S. Francisco, e communicou-lhe o testamento que havia feito. Dizem que outra vez se deixara levar pela voz da natureza, e nomeara por herdeiro da coroa a D. Jorge; porem o secretario Faria fez-lhe ver os males que poderião nascer de tal resolução, conseguiu que fosse revogada, e que o infante D. Manoel fosse reconhecido por successor ao throno de Portugal.

Depois d’isto partiu para os banhos de Alvor, no Algarve, acompanhado dos seus medicos e serventes; mas depois de se ter banhado sentiu-se mais proximo do sepulcro. Renunciando então a esperanças chimericas, desejou ver seu successor para lhe recommendar D. Jorge, a quem tanto amava. Porem os progressos do mal não lhe permitirão esse gosto, e sem perder tempo terminou suas disposições, e nomeou a D. Jorge duque de Coimbra, dando-lhe as terras que tinha possuido o infante D. Pedro avô do testador. Pouco depois exhalou o ultimo suspiro, aos quarenta annos da sua idade, e quinze de reinado.

“O principal erro em que caem os historiadorees, diz Duclou, é pensar que os homens tem um caracter fixo, quando elle não é senão tecido de contradicções.” Esta maxima na qual brillão a verdade e o juizo não se oppoem a que a historia apresente alguns homens extraordinarios, consequentes até nas suas debilidades, e fieis a certas maximas, ainda mesmo quando mais se separão do caminho da rectidão. Tal foi o grande monarcha cuja vida e reinado acabamos de bosquejar. Não foi um rei perfeito, como o dizem alguns escriptores Portuguezes; mas, quem não desculpará seus erros, se tiver presente os absurdos prejuizos, a barbara superstição, e a desordem social que reinavão no seu seculo? Não vemos nós collocado nos altares a um Luiz IX de França, apesar da sua iniqua cruzada contra Raimundo de Tolosa, e suas leis sanguinolentas e inquisitoriaes? Em seculos posteriores não se tem esgotado a eloquncia em favor d’um soberano que mandou perseguir os Calvinistas pelos dragões de seu exercito? Não foi esse mesmo quem enthronizou o adulterio, cubrindo-o d’esplendor e de opulencia e collocando seus fructos junto aos degraus do throno? Poucos são os chefes de nações que não tenham deixado nos seus actos publicos vestigios deploraveis e permanentes dos seus vicios e paixões. Mas D. João II está isento d’esta accusação. Como legislador, como arbitro dos destinos d’um povo então grande e poderoso, só teve por objecto a felicidade dos seus subditos, e a consolidação dos mananciaes da riqueza publica. Referiremos algumas das anecdotas que a historia nos tem conservado acerca d’este principe, e que farão ver quão justos sam os elogios que lhe temos tributado.

Desprezava os adulteres, e nunca perdoava os louvores que lhe dirigião com menos prezo da verdade; pelo contrario, gostava ter ao pé de si os homens severos e francos ainda que censurassem a margamente seu comportamento e disposições. De este numero era João de Menezes, a quem deu os primeiros empregos do estado apesar de que em varias occasiões tinha dito em publico que El-Rei se deixava levar pelas inclinações do seu animo, sacrificando a ellas a magestade das leis, e o bem da patria. Extranhando os cortesões que um homem de tal genio estivesse á testa dos negocios publicos “sabei, lhes disse o rei, que Menezes possui uma qualidade que não tem preço aos meus olhos; isto é, bastante valor para me dizer a verdade, quando sabe que me desagrada.”

Aborrecia validos, e julgava que era crime n’um

rei o excesso de confiança dado a um homem sujeito como os outros a erros e a debilidades. Santiago d'Almeida, prior de Crato, homem de merito eminente, e a quem o rei muito estimava, fallou-lhe em certa occasião com familiaridade respeitosa, porém que poderia parecer a outros excessiva confiança "Ide, disse-lhe o rei ao ouvido; os que nos vêem poderão pensar que sois meu privado."

Não podia soffrer que o homem de merito não fosse tratado com o respeito e veneração que lhe erão devidos. Servindo-lhe um dia de beber Pedro de Mello, deixou cair casualmente o copo. Os cortesões fizeram escarneo d'elle. "De que vos rides? disse o rei. Mello pôde deixar cair um pucaro, porém nunca deixou cair a lança defronte do inimigo."

Agradecido aos que o tinham servido com zelo e lealdade, não se envergonhou de lhes pedir perdão quando tinha tido a infelicidade de os offender n'um momento de impaciencia. Rui de Sousa pediu-lhe uma graça, e D. João que estava então a pensar n'uns despachos que acabava de receber, negou-lha com aspereza. Conheceu depois sua injustiça, mandou chamar Sousa, excusou-se com a mais nobre franqueza e reparou sua falta concedendo-lhe muito mais do que lhe pedira.

Se Camões tivesse vivido no reinado de D. João, os fastos de Portugal nos conservarião a gloriosa recordação da prosperidade d'um homem dotado de genio tão sublime. Não teria vivido e morrido na miseria n'uma epoca em que toda a especie de merito recebia galardões e incentivos, e em que o chefe do estado procurava ainda mesmo na obscuridão, qualidades eminentes que podessem augmentar o brilho do seu reinado. Duarte do Casal, homem valente, cheio de honra e de serviços tinha empregado os amigos que tinha na corte para pedir um emprego. El-Rei mandou-lhe dizer que já que tinha mãos para combater na sua defeza, tivesse tambem lingua para pedir o premio que julgava merecer.

D. João II é d'aquelles poucos monarchas a quem um conhecimento profundo do coração humano faz protectores zelosos das virtudes verdadeiras. Nunca praticou essa hypocrisia refinada com que alguns soberanos de tempos mais modernos tolerão os excessos mais abominaveis, cubrindo sua culpavel tolerancia com os pretextos mais respeitaveis e sagrados: nunca negou á moral publica a protecção zelosa e activa que lhe devem os que regem os destinos dos povos; nunca finalmente preferiu as virtudes artificiaes que o fanatismo e a superstição crião e fomentão, áquellas que são de todos os tempos e de todas as nações e nas quaes se sustenta a ordem da sociedade. Um dos seus criados, que o tinha sido de Diogo Lobo, Varão portuguez, pediu-lhe um emprego, e o rei recusou-lho porque seu antigo amo não lhe tinha fallado em seu favor. Lobo, que estimava muito a quem tão bem lhe tinha servido, foi ter com El-Rei, e queixou-se da dureza com que o tinha tratado. "Fi-lo assim, respondeu D. João, porque julguei que esse homem tinha pago com ingratição vossas bondades. Os ingratos nunca hão de ter direito aos meus favores; mas uma vez que me enganai, e que elle merece a vossa estimação, dizei-lhe que conte com o favor que sollicita.

Martinho de Tavora, filho de Rui de Souza, de quem já temos fallado, acabava de conseguir o commando d'uma fortaleza, e ao tempo de sair do gabinete do rei, de lhe tributar seu agradecimento, encontrou o conde de Faro, a quem deu parte da graça que acabava de receber. Soube-o D. João, e immediatamente revogou a nomeação dando por motivo

que o homem que participava sua felicidade a outro, antes de o fazer a seu pae, fazia ver o pouco respeito que tinha aos vinculos mais sagrados.

Soube D. João que um cavalleiro de Lisboa tinha uma casa de jogo, onde se arruinavão muitos mancebos, e na qual se proferião horribes blasfemias contra Deos, e seus santos. Immediatamente mandou pôr fogo ao edificio e a todos os que se descobrião dedicados aos mesmos excessos. Este rigor produziu os mais felizes resultados. Durante seu reinado aquella paixão funesta ficou comprimida, e não tornarão a ver-se mais casas de jogo em Portugal. Que dirão a isto os monarchas e os governos, que ao passo que affectão o maior respeito á religião, e enchem de favores seus ministros, autorizão e tirão grandes lucros d'esses estabelecimentos infames, nos quaes se aventura a sorte das familias, e que podem ser olhados como mananciaes fecundos de ruina, de desesperação e de suicidios? (\*)

Não costumava viver muito tempo na mesma cidade, e mudava de residencia segundo o exigião sua saude ou seus negocios; mas onde ficava deixava sinaes permanentes da sua munificencia. Setubal é um brilhante exemplo d'esta nobre propensão. Aquella cidade, que enriquecião suas abundantes minas de sal, sua pesca, seu bello porto e seu trafico activo, carecia de boa agua. O rei aconselhou os habitantes que construíssem um aqueducto; porém elles excusarão-se dizendo que pagavão muitos impostos, e que nada lhes ficava para despeza tão consideravel. D. João então perdoou-lhes a metade das contribuições, e fez-lhes um presente da outra metade. Os de Setubal começaram a obra, e a suspenderão passados alguns annos, dizendo que não tinham podido ajuntar os fundos necessarios. "Já vejo, respondeu o rei, que será preciso que eu pague toda a obra." E assim o fez.

As suas idéas sobre Economia Política, n'uma epoca em que não existião principios fixos sobre este ramo importante de governo, erão sensatas e luminosas: assim o prova a redução que fez da metade dos direitos d'entrada no porto de Lisboa, e com isto attraiu todo o commercio de Galliza e Andaluzia. Não erão menos dignas de louvar as regras que adoptou sobre o governo das colonias distantes e sobre a conducta dos seus empregados n'ellas. Quando Cam fez saber a D. João que o reino de Congo abundava em ouro, porém que os habitantes não quizerão indicar-lhe as minas: "Não vos empenheis em o averiguar, disse-lhe o monarcha, tratae os habitantes com doçura; commerciae com elles honradamente; dae-lhes o que precisarem, e tereis o producto das minas sem necessidade de as trabalhar." Esta nobre maxima não foi a que depois seguirão os Portuguezes e os Hespanhoes nos seus estabelecimentos trans-atlanticos. Porém D. João não se julgou autorizado a cometer os crimes politicos que a moral diplomatica absolve com tanta facilidade, e que os escritores e cortezaes, a respeito da lei evangelica e da sã moral, adornão com os nomes de profunda sabedoria, de vistas elevadas, de sublimes combinações. Bem estabeleceu o cre-

(\*) Estas reflexões são sem duvida dirigidas contra o Governo Francez, porque permitia então casas publicas de jogo pelo rendimento que d'ellas tirava, dando n'isso aos seus subditos um exemplo perverso de moral, pois autoriza um dos vicios que mais males acarretão ao genero humano. Felizmente as Camaras Francezas abolirão ha poucos annos essas casas infernaes, chamadas pelos Inglezes *hells* (infernos), que erão a causa da ruina de um grande numero de familias todos os annos.

dito da rectidão do seu coração, quando Colombo passou por Lisboa, de volta dos seus primeiros descobrimentos. Ainda que D. João previa todos os resultados que poderiam ter aquelles memoraveis successos; ainda que se arrendia amargamente e se envergonhava de ter regeitado os offerecimentos do illustre Genovez, repeliu com horror a proposta que se lhe fez de sacrificar aos interesses da nação Portugueza, a vida do Almirante dos reis Catholicos; e não satisfeito com ter evitado a sua morte, o honrou e encheu de atencões, e deu-lhe grandes mostras de admiração e affecto.

Estes rasgos bastão para dar uma idéa do monarca cuja memoria parece obscurecida pela injustiça e parcialidade dos escriptores modernos. Quando se considera a situação moral da Europa naquella época de ignorancia e superstição, poderá formar-se uma justa estima do merito do homem generoso e decidido que soube reinar sem outro apoio que a razão e a justiça, e subiu por si só, e com as forças de seu espirito áquella politica grandiosa e elevada, da qual se affastão cada dia mais os reis nascidos n'um seculo que se chama illustrado e philosophico.

#### PENSAMENTOS

DO PAPA GANGANELI CLEMENTE XIV,

EXTRAIDOS DAS SUAS CARTAS.

O destino do homem é trabalhar: da vida contemplativa á vida preguiçosa não ha mais que um passo, e esse é muito facil de dar.

A grande arte da sociedade consiste em servir aos outros segundo o seu gosto.

A maior parte das devotas pensa, e não sei porque, que as cores escuras agradam mais aos espiritos celestiaes do que as cores vivas. Sem embargo eu vejo que nos pintão os anjos com vesti dos brancos e azues.

Não gosto da devoção que se publica com cartazes.

Os falsos devotos fazem tanto mal á religião como os mesmos impios.

De modo algum aconselho a Vm. (dizia elle a uma pessoa a quem escrevia) que se empenhe muito em dar ás communidades; pois alem de que nada lhes ha de faltar, não é justo empobrecer as familias para enriquecer aquellas. (\*)

O mais debil Ecclesiastico julga que é obrigação sua impugnar os incredulos, sem considerar que se o seu zelo é digno de louvor, sua sabedoria que não é correspondente faz mais damno que proveito.

Se Deos tolera os incredulos, nós os devemos soffrer.

Quanto mais se multipliquem os incredulos, mais devem os ministros do evangelho esmerar-se em fazer respeitavel a religião com o seu amor ao estudo, e com os seus bons costumes.

Nenhuma pessoa verdadeiramente grande responde aos criticos; a arte de calar é o melhor modo de responder ás satyras.

Qualquer frade entremetido que se ingere nas familias para saber seus segredos, para tramarmatrimonios ou formar testamentos, é tão desprezível como perigoso.

Não se curão as chagas da alma com algumas orações ditas ápressa, senão trabalhando na reforma do coração. O maior numero dos peccadores, por

(\*) Este conselho é de admirar n'um homem quando o deus era religioso da ordem de S. Francisco.

falta d'este methodo passão a vida em offender a Deos e em confessar-se.

Dous escolhos deve evitar o verdadeiro catholico, o de crêr demasiado, e o de não crêr bastante: (*Diz isto n'uma carta em que trata das reliquias e de certos abusos introduzidos na religião.*)

É necessario que se inspire aos que estudão theologia a tolerancia com respeito áquelles mesmos que fazem guerra á Fé, e que se lhes imprima que o espirito de Jesu-Christo não é espirito de acrimonia nem de dominação.

As mathematicas são uma sciencia universal que liga e ata todas as outras, e as faz ver debaixo das mais felizes relações. A philosophia sem geometria, é como a medicina sem chimica.

O reino de Jesu-Christo não é reino de despotismo.

Não ha maior perigo para os que estão collocados em algum emprego que não querer confessar que alguma vez se enganarão.

Eu considero as dignidades como algumas syllabas mais para um epitafio.

Ninguem mais propenso do que eu em desculpar os defeitos do proximo; porem é um defeito muito grande apressar-se em ser confessor. O P. N... poderá ser um bom religioso, porem é muito inclinado a dirigir consciencias, e eu penso que isto não se faz sem algum motivo humano.

#### PARABOLA VI.

O GATO.

Dous philosophos, que tinham passado sua vida no estudo da natureza, e na observação das suas obras, em termos que podião fallar de cada uma d'ellas sabiamente, estavam um dia a conversar acerca dos quadrupedes, dos reptis, dos peixes e das aves, sobre as arvores e as plantas, desde o cedro do Libano, até a herva que cresce sobre o muro. Ambos elles pensavão da mesma sorte, e o que dizia um era commentado pelo outro.

Aconteceu porem que chegarão a fallar sobre a natureza, habitos e propriedades do gato, e sobre este assumpto não estiverão de accordo, e disputarão amargamente. Porque um d'elles dizia que o gato era o mais traiçoeiro e perigoso dos animaes; matreiro e malicioso; tigre na indole e no aspecto, posto que não em força, nem no tamanho, e por esta ultima razão os homens devião agradecer á Providencia.

O outro opinava, que o gato era semelhante ao leão nos seus movimentos, na sua magnanimidade, e na generosidade do seu animo; limpo e meigo, e inimigo do cão, animal immundo e desavergonhado; finalmente que era utilissimo nas casas; razões pelas quaes os homens se devião manifestar agradecidos ao ceu.

O primeiro irritou-se muito ao tempo de ouvir isto, porque era amigo de cães, e em apoio da sua opinião citou o cão de Tobias, e o d'Ulysses, e o cão do grande monarca. Porem o outro allegou os gatos d'um philosopho profundo, que penetrou na região das essencias divinas e avantajou aos outros em saber (\*).

Separarão-se colericos, e o amigo dos caes voltou para sua casa, e a encontrou cheia de ratos, e disse: não é o gato tão mau como eu pensava. E o amigo dos gatos, viu que o seu jardim havia sido roubado, e que ninguem sentira os ladrões, e disse: não é o cão tão mau como eu pensava.

(\*) Leibnitz, philosopho Alemão, muito affeição-do aos gatos.

## SUPERSTIÇÃO.

E' MAIS perigozo atacar a superstição do que a fé!  
— SEGUR.

A superstição é uma serpente que circumda a religião com as suas roscas, e a macúla com o seu halito. — VOLTAIRE.

A superstição transforma tudo em prodigios. — DE JAUCOURT.

A superstição attribue a causas sobrenaturaes, aquellas cousas que a ignorancia não pode comprehender. — CONDILLAC.

A superstição é para a religião o que as fezes são para o vinho, e as escorias para os metaes. — FRANKLIN.

Eis como pensavão acerca da superstição os Autores acima citados. A superstição não pode reinar nos paizes illustrados; ella exerce seu imperio despotico entre os ignorantes. Em confirmação de isto vamos referir um caso que veiu ha tempos nos periodicos estrangeiros, e não sabemos se em algum dos de Portugal.

## A FEITICEIRA.

N'uma aldéa perto de Dantzick, pouco frequentada por causa da esterilidade de seu territorio, e na qual não se tem podido conseguir que se estabelecesse uma escola, adoeceu no anno de 1836 um dos seus habitantes, e depois de haver empregado em vão para a sua cura todos os remedios domesticos que lhe aconselhárão, mandou chamar um Charlatão, cuja fama entre aquella gente rustica era extraordinaria.

O Doutor examinou o doente, receitou alguns remedios, que não produzirão effeito, e conhecendo que poderia perder seu credito, teve a lembrança de dizer que o doente estava enfeitado. Em consequencia d'isso mandou vir para a casa do enfermo todas as mulheres velhas (\*) da aldéa para que elle podesse dizer qual d'ellas era a feiticeira.

Escolheu o Doutor aquella que lhe pareceu mais propria para ser a victima da superstição, e ordenou-lhe que sem a menor demora curasse a doença que com os seus feitiços tinha causado. Em vão tratou a pobre velha de demonstrar a sua innocencia; surdo o Doutor a quanto ella dizia a mandou amarrar e castigar a pauladas; até o mesmo doente persuadido de que a velha era causadora dos seus males pegou n'um páu e começou a dar-lhe sem compaixão. Ultimamente, vendo que não confessava nada, pegarão nella e a lançarão ao mar. Felizmente para ella as saias contribuirão para a fazer aboiar sobre as ondas alguns minutos, e n'esse tempo o temor d'uma morte certa a fez consentir em curar o doente, com tanto que lhe dessem o termo de doze horas.

Durante este tempo nunca a perderão de vista; nada pôde fazer a infeliz; e tendo declarado que não sabia como havia de curar o doente, começaram de novo a atormental-a.

Aos gritos que deu acodirão seus filhos, porem forão expulsos e maltratados pela multidão que cercava a casa. Pouco satisfeitos ainda com as pancadas que derão na pobre mulher, quizêrão renovar outra vez a prova d'agua, e arrastada até o mar no meio dos gritos d' aquelles selvagens foi lançada ás ondas: nem lhe valeu d'esta vez os esforços

(\*) D'onde veio a idéa de que as feiticeiras hão de ser velhas e não novas, nem homens velhos?

que fêz para se sustentar sobre a agua porque logo a matárão ás pancadas com varas e com pedras; até o charlatão Kiminski deu-lhe muitas cutiladas.

Os filhos da que foi tão barbaramente sacrificada informárão do caso a um tio que tinham; este deu parte á policia; e os auctóres d'aquelle crime, filho da ignorancia e da superstição, forão a final presos, e conduzidos a Dantzick em 9 de Agosto do mesmo anno, indo o doctor Kaminsk á sua frente.

## MINAS DE AMERICA.

UMA grande parte dos metaes que se usão no mundo nos vem da America, e, exceptuando as minas do Mexico, quasi todas estão situadas no continente meridional. O ouro encontra-se na Nova Granada, no Peru, Chili, La Plata, no Brasil, e na Carolina do Norte; os diamantes nos tem vindo do Brazil. As minas de prata no Peru são mui ricas; no Chili alem de minas de prata ha tambem de chumbo, e enxofre; as de cobre são ainda mais abundantes. O Brazil possui minas de ferro, enxofre, antimonio, estanho, chumbo, cobre e mercurio; porem a exploração dos metaes preciosos tem sido a causa de se desprezarem os outros.

A diminuição dos metaes preciosos da America começa já a ser sensível na Europa. Ajuntamos uma relação do ouro e da prata que tem dado os diferentes paizes de minas na America e na Russia em dous periodos de vinte annos cada um: o primeiro desde 1790 até 1809 inclusivé; o segundo desde 1810 até 1829 inclusivé. Esta relação apresentada ao parlamento inglez é fundada nas noticias mandadas pelos agentes consulares Britannicos. As sommas são calculadas em libras esterlinas.

## DESDE 1790 ATE' 1809.

	Ouro.	Prata.	Total.
Mexico . . . . .	4,523,378	94,429,304	98,952,681
Panamá . . . . .	223,518	—	223,518
Chili . . . . .	868,974	944,736	1,808,710
Buenos Ayres . . . . .	1,862,995	19,206,831	21,149,786
Total de America	7,473,825	114,660,870	122,131,695

## DESDE 1810 ATE' 1829.

	Ouro.	Prata.	Total.
Mexico . . . . .	1,913,075	45,388,729	47,301,804
Panamá . . . . .	23,603	—	23,603
Chili . . . . .	1,904,514	878,188	2,782,702
Buenos Ayres . . . . .	2,161,940	7,895,842	10,057,782
Total de America	6,003,132	54,162,759	60,165,891
Russia . . . . .	3,703,743	1,502,981	5,206,724
	9,706,875	55,665,740	65,372,615

## Loucura hereditaria.

Sir André-Halliday, sendo médico do Duque de Clarence, publicou uma obra interessante sobre o *Estado dos Asylos Lunaticos*; e era d'opinião de que a idea de ser a insanía hereditaria é um prejuizo infundado e injusto. Segundo elle "a loucura, sendo judiciousa e promptamente posta em cura, é uma das doenças mais suaves e simples que atacão o corpo humano."

## DE QUE ESPECIE DE HOMENS DEVEMOS FUGIR.

Diz o philosofo chinez Confucio, que o sabio deve fugir de muitas classes de homens. Deve fugir dos que publicão os defeitos d'outros, e se lisongeão em fallarem n'elles. Deve fugir dos que não estando adornados senão de qualidades mediocres, e sem nascimento distincto, murmurão temerariamente contra os que tem sido elevados ás dignidades do estado. Deve fugir d'um homem valente quando o seu valor não é acompanhado de civilidade e de prudencia. Deve fugir d'aquella classe de homens que, cheios sempre de amor proprio, convencidos do seu merito, e idolatras dos seus sentimentos, atacam tudo, de tudo tem que dizer, sem nunca consultarem a razão. Deve fugir dos que com mui pouca capacidade não tem vergonha em censurar o que outros fazem. Deve fugir dos homens soberbos. Deve, finalmente, fugir dos que costumão descobrir os defeitos alheios, publicando-os.

## RENDIMENTO D'UM QUINTAL NAS VISINHANÇAS DE LONDRES.

O VALOR do producto annual d'um quintal d'um acre (\*) de terreno nas visinhanças da capital do Reino Unido da Gram-Bretanha parece incrível: temos com tudo motivos para não duvidar da veracidade das sommas que se seguem. — Rabãos, 45,000 rs.; couve-flores, 270,000; couves, 135,000; aipo, a primeira novidade, 225,000; a segunda, 180,000; chicoria, 135,000; somma total 990.000 reis, que rende um acre de terreno em doze mezes. E' preciso advertir que as despezas da cultura são muito grandes; e os quintaes que não estão bem situados não rendem tanto. Mas se considerarmos que nas visinhanças de Londres ha perto de 2,000 acres assim cultivados, podemos dizer que todos elles devem produzir, calculando que cada acre dê só 500,000 reis, a somma enorme de mil contos de reis.

Nunca deixão descansar a terra; os bons hortelões fazem profundas covas depois de acabar de colher a hortaliça, estrumão o terreno como é devido e evitão com cuidado plantar demasiadas vezes plantas que pertencem ás mesmas familias naturaes. Aquelles que sem attender a isto semeão ou plantão repetidamente a mesma especie de vegetaes nos mesmos lugares, conhecem logo o seu erro na diminuição da colheita, tanto na quantidade como na qualidade, e nas varias doencas que attacão as plantas apezar do maior esmero que ponthão na sua cultura.

## ABUNDANCIA DE SALITRE EM HESPAHHA.

“SE o poder divino, diz Bowles na sua *Geografia Fisica de España*, aniquilasse o Salitre das varreduras de França, e o das paredes artificiaes e plantios de Allemanha, as terras d'Hespanha poderiam dar Salitre para toda a Euröpa até o fim do mundo, sem o auxilio de alkali fixo, das cinzas, nem dos vegetaes, uma vez que o interesse obrigasse á industria a aperfeioar as operações, e todas as terras nitrosas se empregassem em fazer sa-

litre. Perguntei uma vez a um Salitreiro se sabia como se fazia esta geração de Salitre nas suas terras, e repondeu-me ingenuamente: *Tenho dous campos; n'um d'elles semeio trigo, e nasce; no outro recolho Salitre.*”

## Candieiro de nova invenção.

O SR. Rankin de Edimburgo inventou, ha pouco tempo, um candieiro que lança um circulo de luz de 30 pés de diametro, da apparente intensidade da luz do sol, apresentando os objectos dentro da sua esfera tão claramente como os d'uma meza de uma camara obscura. O candieiro é semelhante á lampada de argand, collocado no foco d'um grande espelho de forma particular, pelo qual a luz é distribuida exactamente no espaço que se deseja; estando calculado que a luz no espaço acima dito é igual á de vinte cinco ou trinta luzes de candieiros ordinarios.

## Fecundidade extraordinaria.

SEGUNDO OS naturalistas, a rainha das abelhas põe 12,000 ovos em dous mezes, e em cinco gerações pode ser a mãe de 5,904,900 descendentes; por esta mesma fecundidade em nada é comparada com a da formiga branca, que põe 211,449,600 ovos n'um anno!

## RECEITAS.

*Papel de Palha e Cortiça.* O descobrimento de fazer papel de palha, posto que novo na Europa, é d'uma data muito antiga na China. A palha do arroz e dos cereaes, a cortiça da amoreira, do arbusto, algodão, do cauhamo, das ortigas e outras varias plantas e materias, emprega-se nas fabricas de papel da China; aonde fazem folhas de taes dimensões, que uma só pode cobrir um dos lados d'uma sala d'um tamanho regular. O papel mais fino, para escrever, tem uma superficie extremamente lisa, e é lavado com uma forte solução de pedra hume para que a tinta não passe para o outro lado. Muitos velhos e crianças ganhão o seu sustento em lavar a tinta dos papeis escriptos: estes depois de lavados são novamente convertidos em novas folhas.

## Qualidades medicinaes da Violeta.

As qualidades medicinaes das violetas existem nas raizes, as quaes contém, em todas as variedades, em maior ou menor grau, propriedades emeticas. A ipecacuanha é a raiz d'uma violeta Brasileira.

Quem pode gabar-se de divertir ao sabio, e ao ignorante, ao devoto e ao impio, ao rapaz e ao anciao, á velha falladora, e á joven namorada, ao phleumatico e ao phrenetico? — D. Quixote,

O Artigo Communicado sobre *Agricultura* acha-se composto em typo; mas fica transferido por causa d'arranjos typographicos para nosso N.º seguinte.

(\*) O acre inglêz é uma medida agraria igual a 3344 varas quadradas e mais uma pequena fracção.

O SR. HENRIQUE GUILHERME DE SOUZA

E

O MUSEU PORTUENSE.

Como auctor da Nota que no N.º 8 do Museu Portuense qualificou de parcial em materia, incorrecto em linguagem, e plagiato em forma, o theor de dous artigos intitulados "Historia de Portugal — Dom José 1.º — Administração do Marquez de Pombal", que remetidos por um correspondente, que me era ignoto, apparecêrão nos N.ºs 5 e 8 — cumpre-me responder a uma carta que foi inserida no Periodico dos Pobres de 6 de Dezembro corrente, e em que o denominado escriptor desses artigos recalcitra contra a censura que lavrei de suas produções.

Não me farei cargo de responder ás puerilidades de estilo que nessa carta se encontrão; nem tão pouco me occuparei do erro em que labora o Sr. Henrique Guilherme de Souza em quanto ao pessoal da redacção do Museu; porque, ou seja esta exercida por um unico individuo, ou seja resultado do conjuncto trabalho de duas ou mais pessoas, as erroneas supposições do Sr. S. em nada alterão a natureza da questão.

Em dous pontos principaes se pode dividir o conhecimento da carta do Sr. S. O primeiro dirige-se a increpar de falsas as asserções por mim exaradas na Nota, e a sustentar a reputação do que o Sr. S. chama seus escriptos; o segundo tende a censurar o systema geral da redacção do Museu, e a stigmatizar alguns dos seus artigos em particular.

Em quanto a este ultimo assumpto pouco terei a responder. A critica das obras que saem á luz publica é indisputavel e salutar privilegio de todo e qualquer membro da communidade; e quando as glosas do censor não dizem respeito senão a increpações de redacção e estilo, aos auctores compete o silencio — aceitando o conselho que é fundado em razão — ou desprezando o que não teve por causa senão a stulticie e a presumpção. Nem podêra ser d'outra sorte: que se o escriptor publico, ao brado de qualquer borrador de papel, entrasse em polemica litteraria, mal lhe sobejaria tempo para mais util occupação.

Em quanto poren ao 1.º objecto sou forçado a ser mais extenso. A defeza do snr. S. envolve um

tão decisivo desmentido dos factos que alleguei, e é fundada em tal ignorancia e desprezo das luzes dos homens lidos, perante quem faz asserções cuja falsidade se deduz da simples inspecção de dous ou tres livros que por ahí andão nas mãos de todos, que julgo do meu dever retorquir-lhe, apresentando na necessaria extensão as provas, cuja mera indicação na Nota pareceu-me sufficiente para convencer a todo outro, que não quizesse fechar os olhos á evidencia da verdade.

Das minhas censuras a principal foi que os dous Artigos sobre a Administração do Marquez de Pombal, que apparecêrão nos n.ºs 5 e 8 do Museu Portuense erão compilados (\*) *verbo ad verbum* d'uma traducção, por A. V. de C. e Souza, do "Resumo da Historia de Portugal de Affonso Rabbe." A isto responde o Sr. S. (e dar-lhe-hei o beneficio de suas proprias palavras) do modo seguinte:

"Engana-se bastante o auctor da Nota, e atrevidamente falta á verdade. Procurei dar uma noticia do brilhante e glorioso governo do grande Pombal, diligencieei todos os documentos e noticias que sobre tal assumpto pudesse grangear, para o que bastante me empenhei; e tendo á mão a = Historia de Portugal de A. Rabbe = que de quanto tenho visto escripto acerca da Administração do Marquez de Pombal é aquella obra a que dá mais extensa e verdadeira noticia, aproveitei della tudo que melhor julguei para basear o meu artigo. Desyiei-me muito da obra de Rabbe, e muito mais na parte que restava inserir, e que vai ser publicada em um dos Periodicos d'Instrucção da Capital, por onde o publico conhecerá a verdade do que digo, e será essa a unica resposta que darei ao Author da nota mencionada. Não deixarei de indicar ao Publico Portuense o lugar em que poderá ver o artigo em questão em toda a sua extensão."

É novo argumento em logica a conclusão do merecimento de dous artigos por meio de terceiro que era deiles continuação. Não tenho forças para com elle lutar, porque entendia que a accusação de plagiato se decidia pela comparação do allegado texto e sua copia. Limitar-me-hei portanto a desejar que o Sr. S. seja mais feliz com a "parte que restava inserir" do que naquellas que forão publicadas. Mas com estas ultimas, que vi, é que é nossa questão.

Tenho presente os manuscritos do Sr. S. assim como a traducção de Rabbe; esta ultima aberta a paginas 258. Começando com o 1.º artigo do Sr. S. acho que corresponde a 200 linhas da traducção copiadas com as alterações que se seguem, e com a omissão d'aquelles paragraphos que o compilador julgou não dizerem respeito a seu intento; todavia a ordem successiva dos paragraphos copiados não foi alterada.

Eis-aqui as differenças.

Traducção de Rabbe.

Copia do Senhor Souza.

Pag. 258	linha 18.	Suscitar
262	" 32.	Concluio
263	" 11.	Justificão os parallelos aviltadores.
264	" 20.	D. José, subindo ao throno.
266	" 2.	Para lhe dar.
"	" 25.	Se achário iusufficientes.
"	" 29.	Deixarião degollar-se

Excitar.
Ultimou.
Aviltão. As palavras os parallelos aviltadores distinguem-se a travez do traço de penna que as apagou.
D. José, subindo ao throno, em 1750.
E lhe dava.
(Ao copista esqueceu inserir a palavra achário, e a oração ficou nulla de sentido. Fui obrigado a pre-enché-la.)
Deixar-se-ão degollar.

Já com effeito neste 1.º artigo vemos quanto o copista se desviou do tradactor de Rabbe; já vemos quão importante uso fez dos documentos e noticias que diligenciara.

Vamos ao 2.º artigo. Compreheende este 234

linhas de Rabbe. As differenças entre o texto e a copia são as seguintes: —

(\*) O Sr. Souza emendou nosso lapso de penna. Copiados, e não compilados, diz elle em sua Carta.

Pag. 268 linha 26. Horrivel tremes de terra.

269 „ 1. Palacios e cabanas.  
4. Que a poesia esgote.  
9. Inteiramente perecendo.

270 „ 4. O que o genio mais firme,  
Ac. podia só executar.  
9. Exprimiria ainda mal.  
12. Aos costumes e á vida.  
22. Tinhão.  
28. A que a sua ruina.

271 „ 4. Prova.  
7. Um pouco sanguinolenta que tenha produzido útil effeito.

272 „ 1. ( Rabbe falla da temivel revolução do Porto ).

„ 1. Provocada por Jesuitas.

„ 2. Creação de uma Companhia de Commercio.

„ 26. Fr. Gaspar.

„ 28. Diz o historiador do Marquêz de Pombal.

„ 30.

273 „ 9. Abborrecia a Monarquia.

„ 33. Assaz de despedaçadoras angustias.

274 „ 28. Dous bandidos.

275 „ 3. De a alcançar.

„ 4. Trazeira da sege.

276 „ 18. Em fim para attenuar

277 „ 8. F. Gaspar, o Franciscano.

Fatal e horrivel terremoto. ( O Snr. S., talvez fundado nos documentos e noticias, embirrou com a palavra tremor da terra. Onde quer que a encontrasse, diligentissimamente a expurgava.)  
Cabanas e Palacios.  
Esgote a poesia.  
Perecendo inteiramente.  
O que só podia executar o genio &c.

Ainda exprimiria mal.  
A' vida e aos costumes.  
Possuio.  
A quem a ruina della.  
Acto.  
Um tanto sanguinolenta que haja produzido bom effeito.

( O Snr. S. acrescenta = e da qual em outro numero trateremos em artigo separado = Mais abaixo, linhas 6, elle não quer que seja a temivel revolução, mas sim terrivel. Isto talvez venha dos documentos.)  
Provocada pelos Jesuitas ( Esta emenda teve por objecto, sem duvida, a correccão da falsidade do texto ).  
Erecção da Companhia dos Vinhos.

D. Gaspar.  
( Estas palavras são omitidas na copia )

( Deste paragrapho omitta o Snr S. duas linhas )  
( Assim se copiou primeiramente; mas ao depois emendou-se o texto ) Abborrecia o Monarca  
Quantas angustias despedaçadoras.

Dous bandidos Antonio Alvares Ferreira e José Policarpio de Azevedo.  
Pela alcançar.  
Trazeira da mesma.  
Os reos que depois tudo confessarão, ou seus amigos para attenuar.  
F. Gaspar.

Importantissimas differenças! Se tão bem soube o Snr. S. aproveitar os documentos e noticias que grangeou, nestes dous primeiros artigos, que não poderemos nós esperar da parte que resta inserir!

Não insistirei mais sobre a accusação que assaquei ao Snr. S. de plagiario. Tenho contido ainda uma difficuldade a este respeito suscitada por uma expressão do proprio Snr. S. — “ Não deixarei de indicar ao Publico Portuense o lugar em que poderá ver o artigo em questão, em toda a sua extensão.” A expressão é enigmatica, mas, até onde chega a minha Hermeneutica, reduz-se á confissão de plagiario d'outro Auctor que não é Rabbe. A distincção é importante; no entretanto, eu que tambem sou do publico, fico ansiosamente esperando pela descoberta do auctor que copiou a Rabbe com mais exactidão do que elle mesmo escreveu. Passemos a outro ponto; logo voltaremos á habilidade do Snr. S. como copista.

Quanto á parcialidade e estilo auctoritativo de Rabbe, reduz-se a resposta do Snr. S. a declarar: — “ que, de quanto tem visto escripto á cerca da Administração do Marquêz de Pombal, é a obra de Rabbe a que dá mais extensa e verdadeira noticia.” Digna de louvor é de certo esta ingenua confissão do Snr. S. do pouco que tem visto: nem é de admirar que com tão verdes annos e tão largos estudos polygraphicos em Historia Política, Biografia, e Romanticismo, nada mais extenso e verdadeiro tenha encontrado sobre a Administração do grande Marquez, do que as 34 paginas, formato d'oitavo pequeno, da traducção de Rabbe. Não duvido de que no decurso dos annos que lhe sobejão com alguma coisa melhor depare.

Tão pouco pode o Snr. S. encarar de frente a arguição do uso de gallicismos, que fiz ao Traductor de Rabbe; e contentou-se em retorquir-me com um especioso argumento que julgou contra-productem. Transcreverei suas proprias palavras.

O que muito me maravilha haja escapado á perspicacia do Redactor do Museu é a fraca idéa que de si dá naquella nota; diz elle: a traducção de Rabbe apresenta em cada pagina gallicismos escandalosos = ora se os meus artigos são copiados daquella traducção verbo ad verbum, como foi que aquelle Sr. admitiu para o seu Periodico dous artigos tão escandalosamente escriptos, e sem ser rogado que os inserisse? Ou o Sr. Redactor do Museu leu os

artigos sem conhecer os escandalosos gallicismos e é nelles cumplice, ou muito pobre e mesquinha está a redacção daquelle periodico que se utiliza de quanto lhe apparece até de cousas escandalosamente escandalosas”

Para dar cabal resposta a este argumento, retrocedamos á origem das circunstancias que acompanharão a inserção dos artigos do Snr. S. no Museu Fortuense.

O primeiro artigo que de parte do Snr. S. e por intermedio de terceira pessoa, foi offerecido aos Redactores do Museu, foi “ As Solidões d' America.” Traduzido do Francêz, e conservando todas as fórmulas características da lingua em que fôra escripto, o artigo bem que não incluisse gallicismo notavel (\*), não dava outra idea do seu escriptor, do que aquella que se liga a um desses traductores de livros francêzes, em que por mal nosso tanto abunda o paiz. Mas não faltou quem nos quizesse persuadir de que o traductor era homem de muita applicação ás letras; de sorte que postergando nosso proprio juizo, ( que ulteriores razões poderão mudar ) quizimos franquear-lhe largo campo em que possesse fazer prova de suas gentilezas literarias. Corrigimos uma ou outra expressão incorrecta que o artigo offerecia — supprime uma ou duas phrases que o traductor não soubera verter — e a final appareceu no Museu Fortuense = As Solidões d' America =

Foi-nos subsequentemente remettido o 1.º Artigo a Administração do Marquez de Pombal. Tão

(\*) Em beneficio do Snr Souza, transcrever-lhe-hei um extracto d'um Auctor com cujas obras elle de certo tem pouca familiaridade:

“Finalmente aproveitamos esta occasião para advertir aos nossos leitores, que alem dos particulares gallicismos que vão apontados neste catalogo, se nota em quasi todas as nossas traducções, e ainda em muitas das obras originaes modernamente escriptas, hum certo pensar francez, o qual, ainda mais que os vocabulos ou frases individualmente consideradas, altera a fórma original do idioma, e lhe dá hum colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza.

Este pensar francez, que melhor se entende do que se explica, não resulta de hum ou outro gallicismo, que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se pôde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do francez hum modo particular de tezer o discurso, e hum certo ar. geito, ou estilo de fallar e escrever, que he proprio daquella lingua, e que não conforma com a indole, genio, e caracter da lingua portugueza.”

Glossario de D. Fr. Francisco de S. Luiz, na prefecção.

recheado de gallicismos vinha, que muito duvidámos da conveniencia de sua inserção; e nesta duvida estavam quando nos vierão á mão dous outros artigos do Sr. Souza, intitulados *Gerardo Gualdes*, e *Mulheres illustres Portuguezas N.º 1.º* Tão differentes vinhão dos dous primeiros artigos, que não podemos enganarnos, e logo ajuizamos não serem identicos os respectivos auctores. Todavia ainda estavam de boa fé, porque não tínhamos idea de tão descarado plagiato como ao depois descobrimos; e não duvidamos de que o Sr. S. possuísse

*Gallicismos e phrases incorrectas do traductor de Rabbe copiados pelo Sr. S.*

Poucal: "medico sem piedade desta Monarquia tão enferma, tocou muitas feridas irritaveis, e cicatrizou muitas chagas inveteradas para deixar d'excitar gritos de dor."

"Mas um grande homem d'estado é o objecto de controversias assaz duradouras e serias para que o erro a seu respeito possa ser eterno."

O prodigioso affecto das nações brazileiras para com esses Missionarios—é bem proprio a absolvê-los."

"D. José, convencido pelo seu Ministro da conducta e do poder."

Demasiadamente extenso seria se indicasse todas as correções que, sem me fazer cargo d'alterar o modo de pensar francêz (o que equivaleria a uma nova traducção,) fui obrigado a fazer no citado artigo. Ora, eis-ahi a *culpabilidade* que teve nos gallicismos do traductor de Rabbe,—e eis-ahi a *perspicacia* do Sr. S. em reconhecer seus proprios escriptos. Mas como ha-de avaliar emendas, aquelle que não conhece os erros?

Deu-se subsequentemente inserção no Museu, N.º 7, ao artigo *Gerardo Gualdes*, que não deixarei de confessar ia n'enos mal *guisado*; e tomei logo em mão o artigo 2.º da "Administração de Pombal"; no qual, á medida que ia lendo, ia expurgando os erros de linguagem que encontrava, e não pude tambem deixar de traçar com a penna alguns dos absurdos e parcialidades historicas que encerrava. Neste estado de correção foi o artigo remettido á imprensa, e já estava composto em typo, quando casualmente topei com a celebre traducção de Rabbe de que tenho fallado. Saltou-me aos olhos o plagiato; e excitadas minhas suspeitas por tão desenfastada copia, dei-me ao trabalho de folhear alguns livros; e eis-que na "Chronica de Cister Livro 5.º cap.º 12," deparei com o artigo "Gerardo Gualdes", em que mais reluz de Fr. Bernardo de Brito do que do Sr. S., e no "Theatro Heroico" dei com o artigo ainda *inedito* do Sr. S. intitulado "Mulheres illustres Portuguezas"!

Não pude deixar continuar o Sr. S. em sua carreira de plagiario, sem fazer-lhe alguma admoestação; mas não querendo sobrepujar os limites da moderação, limitei-me a mandar restituir á sua fórma original o mencionado Artigo 2.º, e accompanhei-o da Nota, que tanto excitou a *sensibilidade* do Sr. S., porque não quiz eu fallar-lhe em

Fr. Bernardo de Brito, *Chronica de Cister*, L.º 5.º Cap. XII.

Alegrou-se o animoso Cavalleiro sobre modo, vendo quaõ bem se lhe encaminhavaõ suas cousas: e lançando de si a rama, de que vinha culterto, subio com ligeireza notavel pela parede da Torre, que não tem porta, nem outra nenhuma entrada mais que a janella, onde a Moura estava, e se subia a ella por hũa creada de mão, que se recolhia dentro, tanto que subião as velas, e chegando á Moura, a lançou sobre os penedos, em que a Torre está fundada, com tal impeto, que logo perdeu a vida, e achando dentro em hũa pequena abobada que tem, o pay entregue ao sono, lhe tirou a cabeça de hum golpe, levando-a juntamente com a da moça nas mãos para prospero indicio de sua boa ventura; e animando seus companheyros, apartou alguns cento e vinte de cavallo, mandando-lhes que fossem fazer trilha contra aquella parte onde agora está fundada a Casa de nossa Senhora do Espinheyro, até ouvirem o rumor, e gritos da Cidade e

fontes, que, lem que não proprias e suas, podessem utilmente encher as columnas do Museu. Não o quizemos logo desgostar com uma critica demasiadamente severa; mas attentas nossas obrigações para com o Publico, encarreguei-me eu do trabalho da correção dos mais salientes gallicismos que deturpavão o artigo. Assim expurgado, saiu á luz o 1.º Artigo da Administração do Marquez de Pombal; mas como o Sr. S. apenas sabe o que copia, cumpre-me apontar-lhe alguns dos favores de correção de que me foi deverer seu artigo.

*Extracto do Artigo do Sr. S. tal como appareceu n.º 5 do Museu Portuense.*

... tantas feridas irritaveis tocou, e tantas chagas inveteradas cicatrizou, que é impossível deixar d'excitar etc."

... tão duradouras e serias, que não consentem que o erro a seu respeito seja eterno."

"... é prova que deve concorrer para salva-los."

"... do procedimento e do poder. (\*)"

suas outras transgressões.

Terminaria eu de bom grado esta minha tão extensa resposta, se não conhecesse no Sr. S. uma resolução de *negativa*, que nada pôde superar senão provas que o tornem *convencido e confesso*. Começarei por tanto a indicar ao publico as *analogias* do "Gerardo Gualdes" do Sr. S.

Parece que este Sr. tem levado a arte de plagiario á perfeição de systema. Os artigos que rouba, apresentam uma forma que parece indiciar que primeiramente copia por extenso as convenientes passagens dos auctores que consulta, e depois sem materialmente alterar a ordem das materias vae abreviando seu original, ou emendando-o da guisa que vimos e segundo os documentos e noticias que possui. E' todavia, impossível que elle se persuada de ter mascarado o texto a ponto que ninguém o conheça, porque ás vezes os *documentos* dão para bem pouco; mas talvez lhe acontece como ao Astronomo de "Rasselas" que tantos annos seguiu e traçou o movimento dos Astros, que a final persuadiu-se que era elle quem os movia. Tanto copia o Sr. S. que a final persuade-se que a materia é sua.

Para esclarecimento do leitor que não tiver á mão a "Chronica de Cister", ou a "Collecção" d'auctores que tratarão das Antiquidades d'Evora, por Farinha, que termina com o capitulo referido da "Chronica"—apresentar-lhe-hei um assaz extenso extracto da mesma cotejada com o M. S. do Sr. Souza. Começando com as palavras de Brito— "Reinando em Portugal El-Rei Dom Affonso Henriques"—e concluindo com nosso extracto, a alteração mais importante do Sr. S. foi a omissão de Gerardo nos seus companheyros; e o remate da estancia de Camões.

Extracto do artigo *Gerardo Gualdes*, no Museu Portuense, N.º 7, pag. 108.

Animou-se sobre maneira o cusado cavalleiro, vendo-se assim favorecido da fortuna; e lançando de si a rama sahiu mui prestes pela parede até á janella onde a Moura estava, e chegando-se a ella lançou sobre os penedos em que a torre está fundada com tal impeto que logo perdeu a vida; e achando dentro o pay entregue ao sono, lhe cortou a cabeça d'um só golpe que levou junta com a da moça para indicio a seus companheyros de sua boa ventura. E chegando que foi aos seus, apartou cento e vinte de cavallo, para que fossem fazer trilha para a parte opposta até ouvirem o rumor e grita da cidade; e elle com o restante da gente se foi direito á torre donde fez signal aos mouros, com o fogo que accendeu, que haviam christãos contra aquella parte. Grande foi o alvoroço na cidade, e o alcaide e to-

(\*) "Cinécia" (disserão os Redactores do Portuense em 1826 e 1827) não sabemos d'outra em Por-

Atalaya; e subito nella fez sinal com o fogo que acendeu, que havia Christãos contra aquella parte. Respondeo-lhe a Torre da Cidade, e logo se appellidou a gente toda, e o Alcaide, postos em som de guerra, sahio ao rebate mandando primeiro suas escutas, e descubridores, de quem foy avisado que havia gente de cavallo no campo, ainda que a trilha não era de muita copia, e certificado disto o Alcaide, sahio fóra dos muros com a principal gente de armas, que havia na Cidade, cuidando de fazer hã gentil cavalgada, e com o alvoroço de seguir os Christãos não advertirão em fechar as portas, nem houve quem se temesse de ser acometido. Mas Gerardo, que não perlia ponto, acodindo pouco depois do Alcaide ser partido, se apoderou da porta da Cidade, e meteo por ella sua gente sem alvoroço, e sem a escuridão da noyte deyxar ver o que era, nem reconhecer aos Mouros ser gente contraria, senão a tempo, que as mortes, e destruições lhe descobrião a verdade. A confusão era grandissima em todas as partes, porque os Christãos metião a espada em quanta gente se lhes offerecia, sem perdoarem a grandes, nem pequenos: e se achavaõ algũa porta com ferrolho, corriaõ no para que os moradores não pudessem acodir aos que appellidavaõ por soccorro, e as outras que tinhaõ sómente armellas, metião-lhe por ellas os paos feytiços, que traziaõ já para este fim: e com tanta ordem, e diligencia se fez tudo isto, que quando os gritos, e vozes das Atalayas avisáraõ ao Alcaide do engano, já os nossos estavão senhores de todas as forças; e quando quiz dar volta para a Cidade, achou a Gerardo, e a seus companheiros, que lhe defendêrão a porta com admiravel esforço, e o entretiverão às lançadas, até que chegando os cento e vinte que foraõ fazer a trilha, e dando-lhe pelas costas os romperaõ, e puzeraõ em desbarato; accrescentando nelles o temor, não só o dano, e perda da Cidade, mas a confusão da noyte, e gritos das mulheres, e meninos que subiaõ ao Ceo; e desconfiando já de cobrarem o perdido, se puzeraõ em fugida, tendo para si que estava dentro na Cidade D. Affonso, que de menor poder não criaõ que se pudesse ganhar cousa taõ importante, nem que bastasse outrem a emprender taõ arduo negocio como aquelle. Não curãõ os nossos de seguir alcance, mas entrando dentro na Cidade acabaraõ de assegurar alguns lugares fracos: e começando depois de ir abrindo cada porta por si, davaõ licença aos Mouros para se irem onde quizessem, só com o vestido que tinhaõ.

Passêmos ao artigo inedito do Snr. S., que tenho em meu poder, e do qual, espera elle, não quere-rei utilisar-me.

A tanto de certo não me atreveria, em offensa do direito de propriedade, com o que fosse produção do Snr. S., mas como me julgo com tanto direito para copiar a *Damião de Froes Peryn* como o Snr. S., não pôde este Snr. tomar a mal que eu coteje nossas copias. Escolherei um ex-

Damião de Froes Peryn, "Theatro Heroico, T. 2.º pg 375

O animo foy tão varonil, como experimentou guerreiro El Rey D. Affonso II. seu irmão, chamado o Gordo, querendo, que cedesse em favor do patrimonio Real o Senhorio da Villa de Alenquer, que seu pay lhe havia doado em vida, deixara estabelecido na morte.

Convocou a Infanta os Vassallos de seu Concelho- Ministros de sua Fazenda, e deu-lhe parte, que El Rey seu irmão pretendia tirar-lhe o senhorio daquella Villa, que seu pay lhe doara; e que não podendo vencella com o respeito de Soberano, tratava como inimigo da paz, e do proprio sangue fazer-lhe guerra, levar a Villa por força de armas. E achando, que estavão promptos com vidas, e fazendas em seu serviço, mandou reparar muros, fazer soldados, repartir armas, fornecer a Villa de mantimentos para um largo assedio, e chamar muita gente de guerra, que viesse de Leão em soccorro da Rainha Dona Theresa, sua irmã, que no mesmo tempo experimentava igual força, semelhante ambição.

Appareceo o exercito Real sobre a Villa de Alenquer, que protestou em nome da Infanta a lealdade, e a justiça, com que se defendião; mas El Rey, que se achava na empreza com a primeira resolução de querer decidir a causa pelo direito das armas, começou a guerra, parecendo-lhe, que acharia fraca resistencia, debil opposição. A experiencia fez conhecer a El Rey D. Affonso nos assaltos, que erão Portuguezes os que tinha por inimigos, defendendo a muralha com tanto valor, que os Reaes se apartavão sempre dos combates com maior perda, porque se defendia a Infanta com as armas da Oração, os Vassallos com a ventagem da justiça. Com a resistencia &c.

Concluirei, pedindo ao Snr. S. — que se houver por bem responder-me não me obrigue a *ulteriores* cotejações que excedaõ as mil letras da Lei, por cada uma vez; e a fim de me poupar tempo e despeza limite-se ao nobre plano de vingança de *infligir* seus artigos genuinos nesse outro Periodico d'Instrucção Publica da Capital; e renutarei com uma reflexaõ sobre o motivo principal que in-

da a gente, postos em som de guerra, sairãõ ao rebate, e certificados pelos escutas e descubridores " que havia gente de cavallo no campo, ainda que a trilha não era de muita copia " sahio o alcaide fóra de muros com a principal gente de armas, cuidando fazer uma gentil cavalgada; e com o alvoroço de seguir os Christãos não advertirão em fechar as portas, nem houve quem se temesse de ser acometido. Mas Gerardo acudindo pouco depois do alcaide ter partido, se assenhoreou da porta da cidade, e meteu por ella a sua gente, e sem a sem motimescuridiãoda noyte deixar vêr o que era, nem reconhecer aos Mouros ser gente contraria senão a tempo que as mortes e destruição lhes descobrião a verdade. Era grandissima a confusão, porque os Christãos metião a espada a quanta gente se lhes offerecia, sem perdoar a grandes nem pequenos; e se achavão alguma porta com ferrolho corriaõ-no para que os moradores não pudessem acudir aos que appellidavaõ por soccorro, e as outras que tinhaõ sómente armellas, metião-lhe por ellas os paos feytiços que traziaõ já para este fim, e tão prestes se fez tudo isto que quando o alcaide soube do engano, já os nossos estavão senhores de todas as forças, e quando quiz dar volta para a cidade, achou Gerardo e a seus companheiros que lhe defendêrão a porta com admiravel esforço e galhardia, e os entretiverão às lançadas até que chegáõ os cento e vinte que forão fazer a trilha, e dando-lhe pelas costas os romperaõ, e poseraõ em desbarato, accrescentando nelles o temor, não só o dano e perda da cidade, mas a confusão da noyte, e gritos das mulheres e meninos; e desconfiando já de cobrarem o perdido se poseraõ em fugida tendo para si que dentro da cidade era D. Affonso.

Não curãõ os nossos de segui-los; mas entrados que forão na cidade, acabãõ de assegurar algumas estancias fracos; e começãõ depois de ir abrindo cada porta, dando licença aos Mouros de se irem onde lhes aprouvesse, só com o vestido que em si haviaõ.

tracto que mais favoreça o talento do Snr. S. — Não transcreverei as noticias que nos remeteu de *Thomazia Nunez, D. Marianna de Lencastro, e Brites d'Almeida* a Padeira d'Aljubarrota: porque são tão *exactamente* copiadas que sem contestação transcreveriamos o pobre Peryn. Tomemos alguma cousa que dê evidencia da habilidade do Snr. S., e dê sua extensa leitura.

Manuscripto autographo e inedito do Snr. S.

Seu animo e valor foi de brado assombrozo, como experimentou D. Affonso 2.º seu irmão, cognominado o Gordo, querendo que cedesse em favor do patrimonio Real, o Senhorio da Villa de Alenquer, que seu Pai lhe havia doado. Convocou a Infanta os vassallos de seu concelho, e Ministros de sua Fazenda, e deu-lhe parte que El Rei seu irmão pretendia tirar-lhe o Senhorio daquella Villa, que seu Pai lhe doara; e que não podendo vencella com o respeito de Soberano tratava fazer-lhe guerra e levar a Villa por força de armas. E achando que estavão promptos com vidas e fazendas em seu serviço, mandou reparar muros, fazer soldados, repartir armas, fornecer a Villa de mantimentos para um largo assedio, e chamar muita gente de guerra que por circunstancias se consagrava a seu partido.

Appareceo o exercito Real sobre a Villa de Alenquer, que protestou em nome da Infanta a lealdade e justiça com que se defendião; mas El Rei que se achava com a idea de querer decidir a causa pelo direito das armas supoz que acharia fraca opposição e curta resistencia. Fez a experiencia conhecer a El Rei D. Affonso nos assaltos, que erão Portuguezes os que tinha por inimigos, defendendo a muralha com tanto valor, que os reaes se apartavão sempre dos combates com maior perda assim de gente como de coragem. Com a resistencia &c.

duziu o Snr. Souza a dar *civaco*; a saber, *atencção* para com seus amigos. Podemos a fiançar-lhe que aquelles a quem elle devêra applicar esse nome, (que saõ aquelles que lhe desejaõ o bem ainda quando a elle lhe custe algũa dôr moral, ) estimãrão muito ver a leve correcção que lhe dei na esperança de vê-lo fazer mais solido fundamento em materia litteraria para aproveitar os *annos* que *lhe sobejão*.